

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Escola Superior de Turismo

# **CLUBE DA ESQUINA**

A música como atrativo turístico

Gabriela Lorentz Amaral  
Luiz Guilherme Isidoro  
Marcos Delgado  
Samantha Oliveira

Projeto de conclusão de curso apresentado a  
Escola Superior de Turismo da  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

**Orientadoras:**  
**Profª Rosilene Martins**  
**Profª. Thais Ferreira Campos Ribeiro**  
**Profª. Ursula de Azevedo**

Belo Horizonte  
2004

## **RESUMO**

Clube da Esquina : a música como atrativo turístico, é um estudo que em seus 5 capítulos visa analisar a música e o Clube da Esquina como um patrimônio culturais e, como tal, importantes insumos turísticos, refletindo sobre a criação de um roteiro alternativo para Belo Horizonte.

**Para tanto o presente estudo estruturou-se da seguinte forma:**

Um primeiro capítulo introdutório em que procura-se relevar a importância da música como expressão de idéias e emoções e contextualizar o surgimento da música do

Clube da Esquina no Brasil, além de atentar para a tendência atual de revalorização das culturas locais.

O 2º e 3º capítulos apenas apresentam os objetivos e justificativas do trabalho, mostrando que o Clube da Esquina tem grande valor dentro da cultura brasileira e que um roteiro baseado em sua história estaria em concordância com a imagem turística de Belo Horizonte que é cultivada pelos meios de comunicação e órgãos ligados ao turismo.

A partir do 4º capítulo, inicia-se o marco teórico que reflete sobre os seguintes aspectos:

- o surgimento do Clube da Esquina ;
- o que é considerado cultura (cultura erudita, popular, de massa e brasileira);
- o que é patrimônio cultural e a importância da preservação também do patrimônio musical ;
- o conceito de turismo e a importância do planejamento (de uma forma geral) e do planejamento interpretativo como forma de valorização e conservação do patrimônio;
- o turismo cultural e sua atual relevância dentro do turismo;
- as várias expressões da música (erudita, popular e brasileira), sua importância como atrativo turístico, sua história nas décadas que precederam o Clube da Esquina e a do próprio “Clube”;
- um diagnóstico do Clube com um produto (em potencial) da cidade de Belo Horizonte;
- breve exemplificação do perfil do consumidor e dos insumos culturais de BH;

A partir do 5º capítulo, detalha-se o processo de pesquisa desenvolvido: suas várias etapas e as escolhas dos procedimentos, instrumentos e atores de pesquisa.

Por fim, insere-se o levantamento feito a partir de pesquisa de campo, do perfil do público-alvo de um potencial roteiro turístico alternativo baseando-se nas reflexões feitas sobre questionários e gráficos. Como anexos, tem-se uma breve apresentação da leis nacional e estadual, que incentivam os projetos culturais e o questionário utilizado na pesquisa.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	05
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	07
2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	07
2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	07
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	08
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	09
4.1	<b>Cultura</b> .....	10
4.1.1	<u>Cultura erudita e cultura popular</u> .....	11
4.1.2	<u>Cultura de massa</u> .....	13
4.1.3	<u>Cultura brasileira</u> .....	19
4.2	<b>Patrimônio Cultural</b> .....	15
4.2.1	<u>Preservação do Patrimônio Cultural</u> .....	17
4.2.2	<u>Música como patrimônio</u> .....	18
4.3	<b>Turismo</b> .....	20
4.3.1	<u>Turismo e planejamento</u> .....	21
4.3.2	<u>Planejamento interpretativo: um recurso para a preservação</u> .....	22
4.3.3	<u>Segmentação do setor turístico</u> .....	24
4.4	<b>Turismo cultural</b> .....	26
4.4.1	<u>Conceito</u> .....	26
4.4.2	<u>Evolução do setor</u> .....	27
4.5	<b>Música</b> .....	28
4.5.1	<u>Erudita e Popular</u> .....	29
4.5.2	<u>Brasileira</u> .....	30
4.5.3	<u>A música como atrativo turístico</u> .....	33
4.5.4	<u>O mundo da música nas décadas de 50 e 60</u> .....	35

4.5.5 <u>O movimento musical Clube da Esquina</u> .....	44
4.6 <b>Cidades como locais de visitação</b> .....	48
4.6.1 <u>Belo Horizonte – Uma cidade cultural</u> .....	49
<b>5- METODOLOGIA</b> .....	58
5.1 <b>Primeira Etapa</b> .....	58
5.2 <b>Segunda Etapa</b> .....	59
5.3 <b>Tipologia de Pesquisa</b> .....	59
5.4 <b>Atores de Pesquisa</b> .....	60
<b><u>ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO</u></b> .....	<b>60</b>
<b>Sujeitos</b> .....	60
<b>Local</b> .....	61
<b>Instrumento</b> .....	62
Análise do material.....	<b>63</b>
<u>Perfil dos Entrevistados</u> .....	63
<u>Faixa Etária</u> .....	64
<u>Sexo</u> .....	65
<u>O grau de instru�o e sua conseq�ncia nos resultados</u> .....	66
<u>Dias da semana em que freqüentam eventos culturais</u> .....	68
<u>Os eventos culturais em BH:tipos freqüentados, classifica�o e qualifica�o da oferta</u> .....	69
<u>Motivos pelos quais as pessoas vão a eventos culturais</u> .....	71
<u>O problema da freq�ncia aos eventos e locais culturais</u> .....	72
<u>Informa�o e o interesse das pessoas pelo produto a ser trabalhado</u> .....	74
<b>Conclusão da pesquisa de campo</b> .....	75
<b><u>DIAGNÓSTICO DE UM PRODUTO EM POTENCIAL</u></b> .....	<b>76</b>
<u>Proposta de Roteiro</u> .....	<b>77</b>
<b><u>CONCLUSÃO</u></b> .....	<b>81</b>
<b><u>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b> .....	<b>83</b>
<b>ANEXOS</b> .....	87

## 1. INTRODUÇÃO

O Homem utiliza a música para expressar aquilo que as palavras sozinhas não conseguem, não importa se com melodias simples ou elaboradas, ela serve a esse propósito sendo considerada uma linguagem universal. Afinal, não importa a época ou o lugar às notas musicais são sempre as mesmas.

Mas de tempos em tempos nascem gênios da música, que fazem verdadeiras mágicas com essas simples notas. Alguns ficam consagrados na história, como; Villa-Lobos, Mozart, Pixinguinha, etc. Outros deixam apenas sua música como legado para as gerações futuras. Como o congado, as serestas, as modas de viola que ninguém sabe quem as criou, mas são um patrimônio da cultura popular brasileira.

A música também é uma ótima forma de aproximar pessoas e fazer amigos. E, às vezes, desses encontros nascem grandes amizades e uma música que parece mágica. Foi assim que o Clube surgiu, num desses encontros que a vida promove, com a música aproximando garotos com vidas, planos e sonhos tão diferentes.

Esse encontro aconteceu numa época de muitas mudanças. O Brasil passava por um período conturbado, com a perda de sua democracia devido ao golpe militar em 1964. Mas sua economia cresceu vertiginosamente, o que ficou conhecido como “milagre econômico”, a base de incentivos e isenções ao grande capital nacional e estrangeiro, que permitiu a modernização do país e o desenvolvimento de uma indústria cultural, promovida pelo Estado, que via nela uma forma de influenciar a população a seu favor (cf: PAES, 1997).

Assim, se desenvolveu uma cultura padronizada, que cada vez mais perdia sua identidade nacional, e se influenciava pela cultura norte americana, numa dependência não questionada, como fica claro na frase do ministro do Exterior daquela época, Juracy Magalhães, “*O que é bom para os EUA é bom para o Brasil*”(PAES. 1997, p. 48).

Na contra-mão dessa padronização surgiram movimentos musicais que primaram pela valorização dos sons nacionais, mesmo que influenciados por outros sons. O Tropicalismo, que experimentou muitos ritmos e misturou berimbau com guitarra elétrica; a Bossa-Nova, que fez um casamento perfeito entre o jazz, a música clássica e o samba, e o Clube da Esquina, influenciado pelo jazz, rock e músicas do interior de Minas Gerais, além da Jovem Guarda, foram os que se destacaram nacionalmente.

Todavia, um deles não se assemelhou aos demais, no que diz respeito à sua vertente de protesto político-cultural. Apesar de ter sido considerado uma manifestação própria de um maior engajamento político da classe média urbana (ao contrário do que foi a Jovem Guarda) por Antônio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte no livro *Movimentos Culturais de Juventude*, o Clube da Esquina foi, segundo Márcio Borges, uma amizade que resultou em música.(2002, p. 10).

Esse encontro aconteceu nas ruas e bares de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Uma cidade com grande potencial para a exploração de sua cultura de forma turística – de uma forma abrangente. Prova disso é o surgimento de eventos relacionados à cultura, tais como o FIT (Festival Internacional de Teatro de rua), FID (Festival Internacional de Dança), Mostra de Teatro de Bonecos e Conexão Telemig Celular de Música, além de diversos projetos da Prefeitura, que tem como objetivo a popularização da cultura, como o Arena Cultural.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Este projeto tem como objetivo refletir sobre música como atrativo turístico através de um estudo sobre o movimento musical Clube da Esquina, concebendo uma análise crítica de um possível produto turístico e sua importância.

### **2.2. Objetivos específicos**

- Destacar os conceitos de cultura, turismo e turismo cultural;
- Analisar a relevância do movimento musical Clube da Esquina;
- Refletir sobre a criação do Roteiro Clube da Esquina;
- Refletir sobre a preservação do Patrimônio Cultural e sua importância;
- Analisar a música de uma forma geral e como “insumo” turístico.

### 3. JUSTIFICATIVA

O projeto “Clube da Esquina: a música como atrativo turístico” se justifica pelo valor cultural que a música possui, pois com seu aspecto universal esta presente em todos os povos, e demonstra uma grande diversidade.

A opção pela música do Clube da Esquina, como exemplo do valor cultural que a música possui, se deve pela relevância do movimento dentro de um contexto sócio-político na década de 60 e por sua importância para Música Popular Brasileira. Além da existência atual de admiração, tanto dos mais jovens quanto dos mais velhos, pelo mesmo.

A proposta de um roteiro cultural baseado na música está em concordância com a imagem cultural de Belo Horizonte, comprovada pelos festivais de dança, teatro, teatro de bonecos, etc, que ganham cada vez mais espaço na mídia.

Contudo, ainda não houve uma reflexão sobre o potencial do Clube da Esquina, enquanto um possível produto. Esta reflexão é muito importante pela existência de uma tendência de valorização das culturas locais. Segundo SWARBROOKE *“a maior parte do mundo, neste momento, está presenciando a disseminação de um sentimento nostálgico em todos os aspectos da vida cultural...”* (2000, p.39). Os viajantes estão a procura de experiências diferentes, de um contato mais aprofundado com as culturas dos locais que visitam e isso leva a uma necessidade de se criar roteiros alternativos para atender a essa demanda.

A também uma identificação de cada um dos participantes do projeto, com as melodias e letras do movimento e uma proposta de análise acadêmica que resultará em uma aprendizagem sobre a época em que o Clube da Esquina nasceu e também sobre música.

#### 4. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Márcio Borges em seu livro “Os sonhos não envelhecem”:

*“... tudo em Santa Tereza era muito bem definido e quase sempre definido com a ironia peculiar da molecada do bairro. Por exemplo: o nome alto dos Piolhos, onde ficava a sinuca, era uma clara referência aos bandos de cabeludos que freqüentavam o ponto. Da mesma forma, o ‘Clube’ não designava senão uma pobre esquina, um pedaço de calçada e um simples meio-fio, onde os adolescentes costumavam vadiar, tocar violão, ficar de bobeira, no cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis” (2002, p.167).*

O movimento “Clube da esquina” ganhou esse nome devido à música “Clube da Esquina”, que fazia clara referência ao “Clube” e a esquina em Santa Tereza. A música foi feita por Lô Borges em parceria com Milton Nascimento e letra de Márcio Borges, em um final de tarde na casa dos Borges em Santa Tereza. Tempos depois quando Milton Nascimento reuniu uma turma de amigos e músicos, entre eles Lô Borges, para gravar um disco, esse acabou recebendo o nome de Clube da Esquina, assim a imprensa e o público começaram a chamar essa turma, que participou do disco, de Clube da Esquina. Marcio

Borges simplifica de forma magistral, “foi uma música que deu nome a um disco que deu nome a uma turma”.<sup>1</sup>

A música feita por essa turma saiu de Belo Horizonte e ganhou o mundo, levando um pouco da cultura mineira e da vida na cidade nos anos 60 em suas letras. Assim valoriza-las, destacando sua importância e resgatando os locais onde a história aconteceu, é também valorizar a cidade e seu patrimônio cultural.

#### 4.1. Cultura

Poucos termos ou expressões apresentam tantas definições e significados quanto; Cultura, assim optamos nesse projeto por utilizar a definição dada pelo IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais)<sup>2</sup>:

*“Cultura é o conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de um povo. É o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência transformando a realidade. É um processo em permanente evolução, diverso e rico. É o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade; fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais”.*

Dessa forma pode-se dizer que cultura é algo construído socialmente e compartilhado pelos integrantes de um mesmo povo, ou seja, é algo que se adquire e por ser construída, se modifica e varia de um povo para outro. Tylor citado por Lemos (1981, p.51.) afirma que “*homens de culturas diferentes têm visões desconstruídas das coisas. O*

---

<sup>1</sup> Trecho de entrevista realizada pela estudante de jornalismo da PUC/MG Maria Silva e Silvério.

<sup>2</sup> Disponível em <[http://www.iepha.mg.gov.br/sobre\\_cultura.htm](http://www.iepha.mg.gov.br/sobre_cultura.htm)>. Acesso em mar. 2004

*que para um tem um grande significado para outro não quer dizer nada. O nosso modo de ver o mundo, a moral e os valores mudam de pessoa para pessoa*". O que significa que pessoas de uma determinada cultura apresentam características comuns, que as tornam semelhantes entre si e diferentes de pessoas de outras culturas, mas que pode haver trocas, por meio da convivência com outros povos. O que não deve ser interpretado como algo ruim, pois cultura é algo mutável, vivo e diversificado, que evolui juntamente com o ser humano e que suas mudanças não significam a sua morte e, sobretudo ela não precisa e nem deve ser estática, mas estar sempre presente na vida do seu povo para que o seu valor seja real, e para que dessa forma exista a vontade e a necessidade de preservá-la.

### Cultura erudita e cultura popular

Povo é um conjunto heterogêneo de pessoas com uma história, uma identidade, e sua cultura tem raízes nas tradições, nos princípios, nos costumes e no modo de ser.

Todo povo produz uma elite, que é uma pequena parcela de pessoas que se destacam de alguma forma. É a cultura produzida por essa elite que definimos como erudita. Mas o que é erudito, segundo o dicionário Houaiss é: "*s.f* 1 *que ou quem tem ou revela erudição. Etim lat. Eruditus, a, um 'que obteve instrução, conhecedor, sábio'*".(2001, p.888a).

Então se erudito é aquele que tem instrução, podemos entender cultura erudita como aquela adquirida através de estudos. Ou seja, aquela que possui um maior refinamento, que aperfeiçoou a cultura em geral e que por isso necessita de um conhecimento específico para

ser melhor compreendida. O que não significa que não possa ser admirada por aqueles que não possuem esse conhecimento. Um exemplo é a música clássica, que possui todo um refinamento, que a falta de uma base sobre o seu tema, torna muito abstrata e pouco interessante. Mas isso não impede que seja apreciada pelo público em geral, como é observado em shows de música clássica em parques que atraem pessoas de todos os tipos e classes sociais.

Mas com todo o refinamento, a cultura erudita muitas vezes vai buscar inspiração, na fonte mais genuína da cultura que é a cultura popular, uma forma mais livre de expressão, que é em sua essência a tradição e a identidade de um povo.

Cultura popular não se restringe às manifestações festivas e às tradições orais e religiosas, é mais abrangente, engloba o conjunto de criações de um povo, as maneiras como ele se organiza e se expressa, os significados e valores que atribui ao que faz, os diferentes modos de trabalhar, os jeitos de falar, os tipos de música que cria, as misturas que faz na religião, na culinária, nas brincadeiras.<sup>3</sup> Ela está mais próxima do senso comum e, é produzida e consumida pela própria população, sem necessitar de técnicas refinadas.

A noção de cultura não é mais entendida como um conjunto de comportamentos concretos, mas sim como significados permanentemente atribuídos. Uma peça de cerâmica é mais do que o material de que é feita, e a técnica com que é trabalhada. Uma festa é mais do que a sua data, suas danças, seus trajes e suas comidas típicas. Elas são o veículo de uma visão de mundo, de um conjunto particular e dinâmico de relações humanas e sociais. Não há também fronteiras rígidas entre a cultura popular e a cultura erudita: elas se comunicam permanentemente.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/cpe/pgm1.htm>>. Acesso em maio 2004

<sup>4</sup> Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/cpe/pgm1.htm>>. Acesso em maio 2004

## Cultura de Massa

A globalização diminui as distâncias, por meio das novas tecnologias que possibilitam uma maior circulação de informações, que chegam cada vez mais longe e a mais pessoas. Mas é preciso amenizar o choque cultural causado pelas diferenças; surge assim o que costumamos chamar de cultura de massa. Entende-se por massa um conjunto homogêneo de pessoas, sem identidade. Onde todos devem; ser, pensar, agir e estar sempre, obrigatoriamente, "como os outros".

Determinar ou induzir sobre o que vestir, o que ouvir, como falar, o que ver, sempre foi uma forma de dominação utilizada pelos povos colonizadores. Fazer com que o povo dominado perdesse a sua identidade cultural facilitava sua dominação. Um bom exemplo são os índios, que tiveram suas terras tomadas e sua cultura depreciada por outra que se considerava "superior".

A diferença atual é, além da grande escala de massificação, o fato de não haver um povo ou classe determinando ou servindo como modelo. A uniformidade é ditada pelo e para o consumo. As imposições são feitas pelos meios de comunicação, destinadas às mais diferentes regiões e povos.

Os EUA é um exemplo radical de como uma cultura pode ser anulada em nome do consumo de massa. Chegou ao ponto, de não conseguirmos mais saber o que é cultura popular e o que é cultura de massa nesse país. Em outro extremo está a França que assustada com a possível perda de sua identidade, tornou-se radical não aceitando

interferências estrangeiras, principalmente a norte americana, em sua língua, sua comida, seus costumes. Existe uma valorização daquilo que é feito artesanalmente e uma depreciação das coisas feitas em série. O irônico é que essa intolerância passou a fazer parte da cultura francesa, ou seja, mesmo tentando se proteger das mudanças sua cultura acabou mudando.

Assim, as massas, sejam da América, Europa ou Ásia, apreciam e produzem a mesma arte, vestem as mesmas roupas, gostam das mesmas comidas. Pois não partem realmente dos povos, mas é uma imposição consumista, o que a torna indiferente às diferenças existentes, por exemplo, entre japoneses e brasileiros, ou entre norte-americanos e espanhóis: todos consomem os mesmos hambúrgueres e coca-colas.<sup>5</sup>

### Cultura brasileira

O Brasil possui uma característica semelhante a muitos outros países colonizados; a diversidade cultural, existente devido aos diversos povos que formaram seu povo. Na base de formação temos um tripé formado por: índios, portugueses e africanos. Com a migração o leque ficou ainda maior com italianos, alemães, asiáticos, árabes, judeus, holandeses, etc. Ou seja, temos no país influência de tradições, costumes e culturas de boa parte do mundo, o que acabou resultando numa falta de identidade única, uniforme. Isso foi intensificado

---

<sup>5</sup> FEDELI, Orlando – Cultura Popular, Cultura de Elite, Cultura de Massa, disponível em <http://www.montfort.org.br/veritas/cultura.html>, acesso março de 2004

pela grandiosidade do país, o que ao mesmo tempo contribuiu para o desenvolvimento de culturas regionais totalmente diversas. Estas enriquecem a nossa cultura como um todo.

De acordo com Nepomuceno:

*“O Brasil nasceu, então, dessa diversidade, dessa cultura múltipla, e dela construiu sua identidade. As expressões de nossa cultura mostram que pode - e deve - existir uma variedade enorme de linguagens para descrever um mundo capaz de ser, ao mesmo tempo, único e múltiplo. Nosso país é um exemplo claro e inegável desse mundo”.*(1998, p.112)

Essa grande diversidade e as constantes influências culturais permitiram a cultura brasileira se renovar, mas sem perder suas várias raízes. Afinal, o ponto forte de nossa cultura são as profundas raízes populares, que coexistem e interagem com a cultura chamada erudita ou mais sofisticada, mas que também recebe influências populares. Um excelente exemplo disso é a música de Villa Lobos, que em toda a sua erudição, mostra o que há de mais autêntico no povo brasileiro, em contrapartida há a música de Pixinguinha, que mesmo sendo um ícone da música popular demonstra grande elaboração e refinamento.

Assim, apesar da massificação cultural, promovida pelos meios de comunicação, é preciso reafirmar e valorizar as identidades culturais de cada povo e permitir trocas. Sem, entretanto, perder sua referência ou negando sua cultura e suas raízes.

#### **4.2. Patrimônio Cultural**

Segundo o IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico)<sup>6</sup> entende-se por Patrimônio Cultural de um povo o que:

*“...lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica.(...)Patrimônio cultural é, portanto, a soma dos bens culturais de um povo.”*

No Brasil, bem como acontece na França, a política de patrimônio histórico-cultural foi estendida e engloba além dos monumentos arquitetônicos já conhecidos, como sítios arqueológicos, objetos artísticos, livros e documentos, outros itens não-materiais da cultura, como a música.

Para um maior detalhamento do conceito, pode-se recorrer a Constituição Brasileira de 1988 que ampliou o conceito de “Patrimônio Cultural” definindo-o como:

*“...bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais se incluem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados as manifestações artísticas-culturais”, e “os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”<sup>7</sup>*

Assim os bens culturais podem ser divididos em:

♪ Imaterial: aquele que existe, mas você não pode pegar; ou segundo o IEPHA/MG<sup>8</sup>: *“toda a produção cultural de um povo,*

<sup>6</sup> Disponível em <<http://www.iepha.mg.gov.br>> . Acesso em maio 2004

<sup>7</sup> **Constituição Brasileira 1988**. Disponível em <[www.dhnet.org.br/brasil/leisbr/1988](http://www.dhnet.org.br/brasil/leisbr/1988)>. Acesso outubro 2003

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.iepha.mg.gov.br>> . Acesso em maio 2004

*desde sua expressão musical, até sua memória oral, passando por elementos caracterizadores de sua civilização” (danças, cantiga de roda, estórias, lendas, crendices e música) e;*

♪ Material: aquele que existe e você pode pegar (igrejas, palácios, um desenho, uma pintura, um livro, uma escultura). Essa categoria é subdividida pelo IEPHA/MG<sup>9</sup> em:

♪ *“Bens móveis: que compreende pinturas, esculturas, material ritual, mobiliário e objetos utilitários e;*

♪ *Bens imóveis: que são além do edifício também, seu entorno, garantindo sua visibilidade e fruição. No acervo de bens imóveis incluem-se os núcleos históricos e os conjuntos urbanos e paisagísticos, importantes referências para as noções étnicas e cívicas da comunidade”.*

### Preservação do Patrimônio Cultural

O mais importante na preservação dos bens culturais de uma nação é a formação da identidade cultural de seu povo, que se dá quando a sociedade pensa em sua herança cultural em forma de memória, já que reflete o que foi vivido com seus antepassados e assim consegue se identificar com seu passado cultural. Dessa forma a preservação é necessária para garantir a continuidade das manifestações culturais de um povo.

Segundo o IEPHA/MG o valor cultural de um bem está,

*“na sua capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente vinculado a comunidade, contribuindo para que seja garantida a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas e para a preservação da memória e identidade culturais da mesma”.*<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Disponível em <<http://www.iepha.mg.gov.br>> . Acesso em maio 2004

<sup>10</sup> **O que é cultura?** Disponível em <[www.iepha.mg.gov.br/sobre\\_cultura.htm](http://www.iepha.mg.gov.br/sobre_cultura.htm)> . Acesso março de 2004

Portanto, segundo Rodrigues, “*preservar o patrimônio cultural (...) é garantir que a sociedade tenha maiores oportunidades de perceber a si própria*”. (2001b, p. 17). E assim criar um sentimento de pertencimento ao local em que esta inserida e passar a valorizar e a entender a importância do patrimônio cultural e a formar uma identidade coletiva.

A base para se desenvolver essa valorização são a conscientização, a educação e a informação, que vão despertar a preocupação para a preservação do patrimônio.

Mesmo que as ações do governo sejam limitadas, pois precisa deixar espaço para cada comunidade decidir sobre o destino de seu patrimônio, existem órgãos responsáveis pela proteção do patrimônio, além de fundos e leis, como a Lei Rounet e as atribuições contidas na Constituição Federal – Art. 215 e 216 e o Decreto nº 3.551/2000 que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial<sup>11</sup>, que compõem as iniciativas do governo e de outras instituições sociais.

Alguns desses órgãos são:

- ♪ O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional) que é um órgão nacional;
- ♪ O IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico Nacional), em Minas, foi criado em 1970 para preservar nosso acervo;
- ♪ O CECOR (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis), da Escola de Belas Artes da UFMG, forma especialistas em conservação e restauração faz pesquisas e presta serviços de conservação em BH e MG.

### Música como patrimônio

---

<sup>11</sup> Disponível em <<http://www.iphan.gov.br/legislac/legisla.htm>>. Acesso em maio 2004

A música se enquadra no conceito de patrimônio cultural, dentro do que o IEPHA classifica como bem imaterial, que são elementos essenciais para a definição de uma nação. Um dos instrumentos de maior influência dos EUA é a sua música e o cinema, que levou sua cultura para o mundo todo.

Conceder o título de patrimônio cultural é agregar valor ao bem, reconhecendo a sua importância e ao contrário do tombamento de bens materiais, que impõe limites ao direito de propriedade, o do bem imaterial exige apenas apoio e estímulo, através do inventário, registro e divulgação.

No Brasil houve um grande avanço nessa área, pois o novo secretário do PHAN, Márcio Meira, está agilizando a implementação do decreto que possibilitará ao governo federal selecionar bens imateriais e classificá-los como patrimônio do Brasil.<sup>12</sup>

Já tramita pelo Ministério de Cultura a proposta de declarar o Acarajé e o Círio de Nazaré, patrimônios culturais e segundo reportagem no “site” [www.noolhar.com/diversaoarte/musicas/352085.html](http://www.noolhar.com/diversaoarte/musicas/352085.html) o ministério da cultura quer que a UNESCO ( Organização das Nações Unidas para Educação , Ciência e Cultura) transforme o samba, música e dança, em patrimônio da humanidade, levando em consideração suas especificidades e o que ele representa para a cultura do Brasil, isso seria segundo Antônio Augusto Arantes, presidente do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a *“oficialização de um reconhecimento amplo e difuso do samba como forma de expressão própria da cultura nacional”*. Essa informação é confirmada pelo ministério da Cultura em seu “site” [www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br), e a elaboração do dossiê, para a candidatura, está sendo coordenado pelo IPHAN. Essa iniciativa abre espaço para se reivindicar que

---

<sup>12</sup> Disponível em <[www.femperj.org.br/jornal/070603.htm](http://www.femperj.org.br/jornal/070603.htm)> Acesso em maio 2004

outros estilos também sejam transformados realmente em patrimônio e dessa forma possam ser valorizados e preservados.

Um outro exemplo de como a música pode ser tratada como patrimônio é o “Fórum da Música Plural Brasileira” uma iniciativa privada, que ocorre no estado do Ceará, que consiste numa discussão sobre assuntos relacionados a música, um lugar onde artistas podem trocar idéias, viabilizar projetos de gravação CD, conhecer o trabalho de outros artistas e também a criação de um selo que identifica a música criada no Estado, além de uma fiscalização e incentivo aos bares que promovem eventos culturais.<sup>13</sup>

#### **4.3. Turismo**

Segundo Fernandes e Haulot citado por Quintela a palavra *tour* é, “*possivelmente, de origem hebraica e a atividade turística foi criada pelos ingleses no século XIX*”<sup>14</sup>, como uma alternativa de descanso longe da agitação das cidades. Era atividade da aristocracia, que mandava seus filhos viajarem com o objetivo de adquirirem mais cultura. Com as revoluções tecnológicas, que possibilitaram as pessoas a terem mais tempo livre, essa atividade se tornou mais popular. Outro fator, para o aumento na demanda por viagens, foi à lei que garantiu o direito de férias remuneradas aos trabalhadores, que assim tinham o tempo livre e o dinheiro necessário para usufruir viagens de férias.

Segundo a OMT (Organização Mundial de Turismo) turismo são:

---

<sup>13</sup> Informação retirada do Jornal O Povo, disponível em; <[www.pacto.com.br/musica/textos.php3?codigo=8](http://www.pacto.com.br/musica/textos.php3?codigo=8)> Acesso em mar 2004

<sup>14</sup> Disponível em <[www.naya.org.ar/turismo/congrso/ponencias/maria\\_quintela.htm](http://www.naya.org.ar/turismo/congrso/ponencias/maria_quintela.htm)>, acesso em set. 2003

*“... atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros” (OMT, 2001, p.38).*

Hoje, o turismo é uma das atividades que mais movimenta pessoas e gera renda, perdendo apenas para a indústria bélica e o tráfico de drogas. Segundo pesquisa da WTO (World Tourism Organization), em 2001, o número de viagens turísticas no mundo foi de 688,6 milhões em 2001.<sup>15</sup>

#### 4.3.1. Turismo e planejamento

Conhecer lugares e pessoas diferentes requer um preparo e uma disponibilidade tanto de quem visita, quanto de quem é visitado. Tudo deve ser bem planejado para que as necessidades e expectativas do turista sejam atendidas, o local preservado e o retorno financeiro, seja o esperado pelos que recebem o turista.

Esse planejamento envolve um conhecimento e um respeito pela cultura, pelas pessoas, pelos costumes dos locais visitados. Quem viaja precisa estar ciente de que é necessário respeitar os costumes e hábitos do local que esta visitando e por outro lado a comunidade que recebe o turista precisa querer receber o turista e o fazer de forma cortês, mas sem perder a sua identidade. O sucesso da atividade turística depende desse respeito mútuo.

---

<sup>15</sup> Informação retirada do site <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/materiasespeciais/estatisticas.htm>>

O papel do turismólogo é auxiliar na manutenção desse equilíbrio, para que turistas e comunidade possam conviver de forma harmoniosa. Somente dessa forma o turismo poderá ser uma atividade sustentável, rentável e bem quista por ambos os lados.

#### 4.3.2. Planejamento interpretativo: um recurso para a preservação

A interpretação é um instrumento do planejamento que educa aliado a recreação, pois estimula as pessoas a observarem, pensarem criticamente e a decidirem conscientemente. Tem como objetivo geral ou lema a seguinte frase: *“através da interpretação, a compreensão, através da compreensão, a apreciação e através da apreciação, a proteção”*.<sup>16</sup>

O planejamento interpretativo é mais que somente informar, é a valorização do ambiente através de diversos recursos, de uma forma acessível e amena, com a função educacional de transmitir conhecimentos.

Por meio da interpretação as pessoas compreendem o meio em que estão envolvidas e passam a desenvolver sentimentos de apreciação e conservação. Também se sensibilizam e se conscientizam da importância histórica e cultural do local, alimentando sentimentos de curiosidade, o que leva a um desejo por mais conhecimentos e informações.

---

<sup>16</sup> Conhecimento oral adquirido na aula de Planejamento Interpretativo, ministrada pela Professora Úrsula de Azevedo, no 6º período do Curso de Turismo, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Mas o turista, e mesmo aquele que tem como objetivo de viagem um aprendizado, não está interessado na aprendizagem formal, por isso para que seja efetiva, a interpretação deve ser amena, pertinente, organizada e temática.

A interpretação amena é aquela que utiliza o senso de humor e que mantém a atenção das pessoas usando a informalidade para transmitir o conhecimento e permite que ache uma interação com o público. Essas informações precisam ser pertinentes, ou seja, estarem relacionadas à realidade do público, pra que sejam mais facilmente absorvidas. É também importante se ter uma linha de raciocínio para transmitir as informações, ou seja, ser organizada, para ter nexos e coerência entre os dados comunicados.

Essa organização está relacionada com o estabelecimento de um objetivo a ser cumprido, a fim de facilitar a aprendizagem.

O envolvimento da comunidade na interpretação é fundamental, pois somente com a identificação com o tema escolhido é que surgirá o sentimento de valor e assim a preocupação de se preservar o mesmo.

#### 4.3.2.1. Roteiro

Segundo Tavares (2002, p 14) roteiros são itinerários de visitação organizados e utilizados para a apresentação de programas efetuados com a finalidade de turismo. E não é somente uma seqüência de atrativos, mas uma ferramenta de leitura da realidade existente no local.

O roteiro deve ser coeso e contextualizado, dando uma visão clara e abrangente do local visitado, sem isso corre o risco de ser incoerente em relação à história do local.

Ainda para Tavares os roteiros são fundamentais na organização e comercialização do turismo como produto, pois são uma das formas de se contextualizar os atrativos, o que potencializa os seu poder de atratividade. Que em relação ao turismo, não está ligada unicamente as características físicas, mas inseridas em um contexto maior. Assim a definição de atrativos passa pelo reconhecimento e pela importância atribuídos a esses elementos na localidade onde estão inseridos.

Entender como os atrativos influenciam nas viagens, permite aos profissionais da área elaborarem roteiros que atendam as necessidades e sonhos dos turistas.

#### 4.3.3. Segmentação do setor turístico

Cada viagem possui motivações diferentes, que podem ser, por exemplo, negócios, lazer, esportes, religião, saúde e muitas outras.

Apesar desse aspecto do turismo parecer obvio somente à pouco tempo os profissionais de turismo perceberam que precisavam separar as pessoas, nas viagens, conforme a sua motivação, para melhor atendê-las.

Cada segmento possui uma necessidade diferente. Podemos citar alguns exemplos, tais como, um executivo que não se interessa muito pelas opções de lazer de um local e sim se possui telefone, fax, internet. Ou, da mesma forma, alguém que faça uma viagem para apreciar um centro histórico não quer ficar visitando lojas de “lembrancinhas”.

Dessa forma, a segmentação facilita para que as cidades, os estados e países se organizem, e possam receber melhor o turista, pois já sabem o que ele espera encontrar.

A divisão do mercado turístico é bastante ampla, pois é diretamente proporcional ao surgimento de novas demandas, aqui estão apenas algumas das mais conhecidas, segundo a World Tourism Organization<sup>17</sup>:

♪ “ *Turismo de lazer: tem como objetivo a distração, o passeio, o prazer, a diversão;*

♪ *Turismo de negócios: deslocamento organizado pela empresa para os seus colaboradores – são fora da época de férias e pagas pela empresa, ou pela instituição a que os viajantes pertencem, engloba: viagem de negócios individuais, congressos e convenções, feiras, exposições e salões especializados, seminários e reuniões de empresa, conferências e colóquios, incentivos e workshops;*

♪ *Turismo religioso: possui três abordagens – espiritual: o turismo é o meio do indivíduo se aproximar de Deus. O participante encara a peregrinação como parte integrante da sua prática religiosa. – sociológica: é o meio para o crente de conhecer melhor a história do grupo a que pertence. – cultural: visita a lugares de culto e a santuários é um modo do indivíduo, crente ou não, compreender as religiões, que influenciam as nossas sociedades, no plano histórico, sociológico e simbólico;*

♪ *Ecoturismo: interação do homem com a natureza promovendo uma conscientização ambiental através da interpretação do ambiente;*

♪ *Turismo cultural: o objetivo é aumentar o conhecimento, conhecer culturas e hábitos diferentes, participar de manifestações artísticas e culturais, inclui-se aqui as viagens de estudo e de aprendizado de idiomas”.*

---

<sup>17</sup> Disponível em <[www.worldtourismorganization.com](http://www.worldtourismorganization.com)>. Acesso março de 2004

#### 4.4. Turismo Cultural

O turismo cultural está muito ligado ao mito do turismo sustentável, como mostra Swarbrooke, quando ele diz que o turismo cultural “... é visto como um turismo sensível, suave e ‘inteligente’, complementar ao conceito de turismo sustentável”.(2000, p. 35). O que não é necessariamente real, já que se não houver um cuidado e uma real ligação da comunidade com a sua própria cultura, o turismo cultural pode transformá-la em uma caricatura ou fazer com que a comunidade se sinta inferiorizada.

E uma vez que uma festa popular ou uma manifestação cultural é feita, se pensando no turismo, ela já passa por transformações. Um exemplo é a comida, que muitas vezes tem seu tempero alterado para agradar ao paladar dos turistas de uma forma geral, e isso é uma forma de degradação que se não for controlada pode destruir um patrimônio cultural.

##### 4.4.1. Conceito

Segundo Vânia Florentino Molleta, turismo cultural é “o acesso a esse patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade”.(1998, p.9)

Para a autora, o que diferencia este tipo de turismo dos demais é a busca, não somente de lazer, repouso e boa vida, mas também a motivação do turista em conhecer regiões onde o alicerce é a história de um determinado povo, suas tradições e manifestações culturais, históricas e religiosas.

A essência do Turismo Cultural está em envolver o visitante em um novo universo de experiência, com visitas apoiadas por atividades práticas, como música e culinária, por exemplo, complementando o contexto local e de época.

As áreas urbanas são o centro do turismo cultural, com um enfoque amplamente voltado para as atrações turísticas físicas e para as artes performáticas, como shows musicais, teatro, circo. Já as áreas urbanas costeiras, essa atração é mais voltada para a dupla “sol e mar”, e para a cultura “artificial” dos grandes complexos turísticos estabelecidos à beira mar, que oferecem “tudo” o que o turista precisar, para que assim ele não tenha que deixar a “proteção” do mesmo. Ao passo que nas áreas rurais e montanhosas o turismo cultural se volta para a observação de estilos de vida.

#### 4.4.2. Evolução do setor

O turismo cultural, segundo Molleta (1998), tem suas origens nos finais do século XVIII e inícios do séc XIX, a partir do desenvolvimento dos meios de transporte, propiciado pela revolução industrial. Ela atende a uma elite e seguiu os mesmos moldes até o início do século XX, quando as condições de deslocamento foram prejudicadas pelo início da 1ª Guerra Mundial.

A retomada do turismo cultural foi de forma lenta e somente no final dos anos 20, início dos anos 30, voltou se desenvolver, em virtude da ampliação das redes ferroviárias e do Expresso do Oriente na Europa.

No final dos anos 30 há um outro declínio decorrente do início da 2ª Guerra. Depois desta, a indústria cinematográfica e o marketing que estes faziam dos lugares nos quais os filmes eram rodados (que foi um dos grandes divulgadores do Brasil no exterior através de Carmen Miranda) foram os grandes responsáveis pelo desenvolvimento do Turismo Cultural no mundo.

Os últimos decênios do século XX foram marcados pelo despertar de um especial e renovado interesse pela história, em âmbito nacional e mundial. As razões para isso são diversas, uma delas é a velocidade das mudanças que a sociedade (em especial a Ocidental) vem experimentando, devido, principalmente, aos avanços nas áreas da comunicação e tecnologia. Essa rapidez nas mudanças despertou um sentimento de perda do sentido de passado, um desenraizamento, originando uma necessidade de se resgatar o passado, em uma busca para tentar entender como e por que essas mudanças ocorreram e dessa forma se sentir mais seguros sobre quem somos. (cf: MOLLETA, 1998).

#### **4.5. Música**

Segundo o dicionário Houaiss música é definida como: “*s.f. 1- combinação harmoniosa e expressiva de sons; 2- arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização, etc.*” (2001b, p. 1985).

Assim podemos verificar que música pode ser diferente, dependendo da cultura de cada povo, mas ela apresenta uma universalidade, pois é possível reconhecer sua base independente da época ou do local. Então podemos dizer que é uma linguagem universal,

que possui sete signos (notas: Dó, Ré, Mi, Fá Sol, Lá, Si) como base que quando reunidos com talento se torna uma arte.

#### 4.5.1 Erudita e Popular

A erudita é aquela que apresenta um rigor técnico, uma sofisticação, um refinamento. Já a popular é feita geralmente por pessoas sem uma instrução formal, com uma técnica mais simples, mas de forma alguma possui menor valor. Afinal, música é uma questão de preferência e criatividade. O que não podemos é confundir música popular com música de massa sem identidade ou raiz, afinal simples não é sinônimo de simplório.

Se antes do advento da TV, um artista precisava ter boa aparência, leia-se beleza, com a TV, esse requisito passou a ser fundamental, juntamente com o “saber lidar com as câmeras”.

Assim a indústria fonográfica percebeu que era mais barato “criar” novos talentos do que arriscar em artistas que poderiam não dar o retorno certo. Nasce assim a indústria do POP que foi aos poucos dispensando o requisito talento musical.<sup>18</sup>

Astros e estrelas são criados da noite para o dia, com músicas fáceis e um verdadeiro bombardeio na mídia, rádios e TVs, se tornam ídolos de uma juventude interessada e apenas em modismos. Esses novos “talentos” são usados para vender desde bonecos á produtos de beleza, promover de revistas á restaurantes. Ou seja, eles são nada

---

<sup>18</sup> SOALHEIRO, Bárbara e FINOTTI, Ivan – Peão do Pop. **SUPERINTERESSANTE**. São Paulo: Abril, n. 198, p. 46-55, mar 2004.

mais que produtos ou fantoches nas mãos de uma indústria não interessada em música, mas em ganhar dinheiro de forma rápida.

#### 4.5.2 Brasileira

A miscigenação brasileira mostra sua cara, também através de nossa música. Ela não apresenta uma diferenciação entre o erudito e o popular. Já que convivem muito próximas uma da outra, o que leva a uma constante influência e mistura de estilos. Outro ponto que deve ser levado em consideração é que a cultura que herdamos dos povos europeus, com a colonização, tida como erudita era na verdade a cultura popular desses povos. Pois nossa colonização foi feita por pessoas do povo, na sua maioria sem instrução.<sup>19</sup>

Quando os portugueses desembarcaram no Brasil, encontraram os índios e sua música, mas a rigor só se considera o início da música brasileira a partir do ano de 1550. A contribuição de Portugal foi o sistema harmônico tonal e as primeiras danças, como a dança de roda infantil e o bumba-meu-boi. Trouxe também instrumentos como a flauta, o cavaquinho e o violão. Da África, junto com o negro escravizado veio novas danças e

---

<sup>19</sup> SANTOS, Júnio – **A Cultura em reflexão**. Disponível em <<http://www.dhnet.org.br/w3/cervante/textos/refletindo.doc>> acesso março de 2004

instrumentos de percussão, além da polirritmia<sup>20</sup>, que é uma ou mais divisões que ocorrem simultaneamente, para cada dois toques dados com uma mão, se toca um com a outra<sup>21</sup>.

A grande mistura que ocorreu no Brasil, possibilitou uma troca de costumes e hábitos que caracteriza nossa cultura como um todo. Essa mistura fica evidenciada no povo que não possui características físicas específicas que o identifique e também na variedade cultural. Sendo na música onde se observa essa característica de forma mais clara, que o texto: História da música popular brasileira<sup>22</sup> traduz com perfeição:

*“Nossa história começa por volta de 1500, no Renascimento. O homem não parava de inventar e de descobrir. Era como se a vida renascesse ao som do alaúde, cravo, fagote, violas.*

*O homem morria de medo de Deus e cantava, cantava. Cantos gregorianos e navegava. Navegava buscando um mundo novo e encontrou um mundo mais do que novo, encontrou um mundo admirável.*

*Cantos de Pássaros, apitos, Tambores... Pero Vaz de Caminha escreveu daqui, da ilha, da terra, Do Brasil... e dizia na carta tão famosa... Eles se levantaram e sopraram chifres de animais e dançaram e cantaram. Cantaram e tinham chocalhos e trombetas em flautas de ossos e guizos feitos com crânios humanos. Os portugueses acharam selvagem demais, trataram logo de mudar o estilo musical dos índios.*

*Passaram-se 38 anos e chegaram os negros que trouxeram nos navios negreiros ritmos e batuques. E agogôs, reco-recos, tambores e ganzás. Só que eles eram escravos e logo já se viam filhos de escravos junto com indiozinhos cantando em latim a música oficial e religiosa de Portugal. E o ritmo africano começa a sair da senzala para a casa-grande, para a rua, para as cidades. Era o Lundu. Braço para cima a estalar os dedos e depois a Umbigada... cada vez mais a África dançava no Brasil.*

*No século XVIII, a modinha. Era a preferida em Portugal e no Brasil. Tinha um pouco de serenata italiana, de ópera. Mas aqui ganharam em doçura e em sensibilidade. E lá vai a música brasileira se afastando da melancolia do fado, de Portugal. Com Dom João VI, a corte trouxe a valsa. Veio junto um piano e novos imigrantes chegam ao Reino Unido de Portugal e Algarves. Nossos portos estão abertos e na bagagem chega a polca a habanera, a varsoviana, a quadrilha, o tango e todos os ritmos se encontram. Acaba nascendo a polca lundu, o tango brasileiro e o Maxixe.*

<sup>20</sup> Informações encontradas em:

<[www.rainhadapaz.g12.br/projetos/musica/historia\\_musica/mpb/origens\\_mpb.htm](http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/musica/historia_musica/mpb/origens_mpb.htm)> acesso maio 2004

<sup>21</sup> POLIRRITMIA, disponível em: <[www.sergioconforti.com/toque](http://www.sergioconforti.com/toque)>. Acesso em maio 2004

<sup>22</sup> Disponível em

<[www.rainhadapaz.g12.br/projetos/musica/historia\\_musica/mpb/roteiro\\_apresentacao1.htm](http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/musica/historia_musica/mpb/roteiro_apresentacao1.htm)> . Acesso em maio 2004

*Era a música no Brasil, clássica e popular, com vocação para se expandir, se misturar e até chorar. E chora, chora grande! Unindo a flauta, o cavaquinho e dois violões... Era o choro do final do século XIX, sentimental e triste e que quando ficou alegre ganhou até um apelido. **CHORINHO!***

*E mais uma década se passa e o fonógrafo chega pedindo para abrir alas... tocando marchinhas de Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazaré.1902. Inauguração da Casa Edson, a primeira gravadora nacional... e em 1916 ouvimos de Donga e Mauro De Almeida...o primeiro samba gravado: PELO TELEFONE! Era a turma da Praça Onze com Pixinguinha...E todo mundo era moderno ao afirmar que era brasileiro.*

*E surge o RÁDIO!De dia lá vai a cantora do rádio lutando por um papel numa chanchada da Atlântica...Sonhando com uma América de balangandãs que Carmem Miranda carregava na cabeça junto com uma penca de bananas.*

*Quando o século faz 30 anos Villa Lobos une o folclore, o popular e o erudito. Coloca tudo o que já existe no trezinho caipira e vai em direção à floresta Amazônica refazendo a música de Bach.E as novidades não paracam de chegar da América, da Europa. O fox trote , as grandes orquestras dedicadas à música popular inspiravam Pixinguinha e Radamés Gnatalli a criar padrões de orquestração para o samba.*

*E o samba virou exaltação! Ari Barroso pinta todo o país numa aquarela. É a Aquarela Brasileira de todas as cores, de todos os cantores de auditório, de rádio, de rua, de cozinha, de chuveiro, de avenida, de Emilinha, de Marlene. É a época de ouro do rádio!E o samba vira canção! De Antonio Maria, de Dolores Duram de João de Donato, de Maisa, de fossa, de Dick Farney.*

*E o Brasil começa a sentir saudades de si mesmo. E com abraço, com carinhos e beijinhos surge a Bossa Nova. Tom Jobim e João Gilberto mostram para o mundo uma batida nova diretamente do Brasil para o Carnegie Hall.*

*E chega a televisão...se apoderando dos dias, das noites, criando moda... definindo os gostos musicais. O rock de Celly Campelo embala a juventude transviada.Além do Iê-iê-iê, tivemos o Fino da Bossa, Opinião e uma Sigla Poderosa, MPB. E veio toda a alegria da Jovem Guarda, do rei!!! E com vocês, as Wanderléias!*

*Mas vieram também os militares, que acabaram com a festa e obrigaram todos a falar de flores. E fomos cantar em festivais. Elis, Jair, Edu, Chico, Gil, Caetano...E muitos outros ao som da Banda, do arrastão, do Ponteio e da disparada fizeram o Brasil cantar no final dos anos 60. Mas todos se perguntavam.O que será? O que será que andam suspirando pelas alcovas naqueles dias em que a gente se sentia como quem partiu ou morreu?E todos que lutaram cantando foram tropicais e tropicalistas. Com a Bahia de Gil, e de Caetano, de tantos e de Mutantes .*

*Tropicalismo que desarrumou e que juntou tudo ao mesmo tempo. Todo movimento musical era cultural...Era manifesto, tinha a ideologia da Antropofagia. As guitarras invadem a MPB...Os baianos viram novos... os sambas vieram enredo... e o trio fica elétrico.*

*O rock nacional saiu do armário e desencantou o Raul de 10.000 anos atrás...A Rita dos Mutantes, Barão, Marina e Lobão, Titãs, Lulu, Ultrage, Capital, Engenheiros... E o Brasil do Legião repensa e se pergunta: Que país é esse? E o Brasil de Cazuza mostrou a sua cara e fez gente olhar para o sul, para o norte, para o centro e fez a gente ficar assim, meio pagode, meio sertanejo, meio axé, metal, funk, hip hop, forró, pop, timbalada ... e tudo que canta e o que hoje se canta nos cantos de todo o Brasil! ”*

#### 4.5.3 A música como atrativo turístico

Fazer da música um atrativo gera além de benefícios financeiros, um desenvolvimento do entorno e um reconhecimento do patrimônio musical, o que gera uma valorização e conseqüentemente sua preservação.

No mundo todo se observa a existência de feiras de discos raros, encontros de fãs clubes, festivais de música, etc, que demonstram que a música é um atrativo importante e deve ser aproveitado.

Existem exemplos internacionais de grande peso como Liverpool (GRA) que é conhecida como a “cidade dos Beatles”, e recebe turistas do mundo todo interessados em conhecer os lugares onde a história dos Beatles começou. Em Memphis no estado do Tennessee nos EUA o “Rei, Elvis Presley” é a principal atração, e em Nova Orleans, também nos EUA, os turistas procuram pelos vários bares especializados em “Blues” e “Jazz”, tanto que a cidade é chamada de “cidade da música”. No Brasil, também, há atrações em que a música é o carro chefe, como o festival de Ópera, em Manaus<sup>23</sup>, ou os

---

<sup>23</sup> Informação obtida em propaganda vinculada pelo canal Amazon Sat em 23 05 04.

shows de Axé-music, em Porto Seguro. Mas ainda não apresenta nenhum produto formatado onde a música é o principal atrativo.

Um exemplo de como isso pode ser feito é o que foi feito na cidade de Liverpool, Inglaterra. Em cada canto ou esquina da cidade se encontra uma referência aos “Beatles”.

São várias as atrações e as formas de exploração da imagem dos Beatles, num exemplo de planejamento interpretativo do “insumo turístico” que a cultura musical pode representar, a começar pela “Semana Internacional dos Beatles” que acontece todos os anos, no mês de agosto. Durante a semana, a Beatlemania, que pode ser notada o ano todo, fica mais evidente através das conferências, exposições e feiras, leilões, mercado de pulgas e vários shows de bandas vindas até de outros países.

Os lugares para a visita são muitos e todos muito bem estruturados para receber os turistas. Há por exemplo, um ônibus personalizado chamado “Magical Mystery Tour” que faz um roteiro de mesmo nome e dá ênfase aos lugares associados a carreira dos “Quatro Rapazes de Liverpool” não deixando porém, de passar por lugares importantes tais como “Strawberry Fields”, na Beaconsfield Road, rua muito próxima a casa em que John Lennon morou depois da morte de sua mãe. Esses passeios são sempre acompanhados de um guia especializado.

Isso mostra que os ingleses souberam como explorar a imagem dos “The Beatles”, e os tornaram parte do patrimônio cultural do país, além de um excelente negócio.

Outra forma de se valorizar esse patrimônio musical é estudá-lo, através de movimentos musicais, tais como: o Rock, a bossa nova, a tropicália, o clube da esquina, elemento de estudo desse projeto, etc.

#### 4.5.4 O mundo e a música nas décadas de 50 e 60

Para se compreender melhor os movimentos musicais é preciso sintoniza-los com o momento histórico em que surgiram. Para isso apresentamos um panorama do mundo e do Brasil nas décadas de 50, para se entender os acontecimentos seguintes, e 60, que é a época relevante para o movimento “Clube da Esquina”, objeto de estudo desse projeto.

<sup>24</sup>Anos 50 – O mundo pós-guerra vê nascer duas grandes potências, EUA e União Soviética, que ocuparam o lugar da Europa devastada. As duas potências dividiram o mundo em dois blocos, de um lado os EUA que defendia o capitalismo e do outro a União Soviética defendendo o socialismo, numa disputa política conhecida como guerra fria.

Os avanços tecnológicos, principalmente dos meios de comunicação e da aviação, permitiram que as propagandas ideológicas promovidas pelas duas potências chegassem a várias partes do mundo. Em seus próprios territórios houve uma severa restrição de opiniões contrárias a defendida pelos governos. Um caso celebre é do ator Charles Chaplin que foi exilado dos EUA, depois de fazer um filme em que sugere uma simpatia pelo comunismo.

O mundo vivia num clima de instabilidade e insegurança, e a constante ameaça de uma guerra nuclear piorava ainda mais a situação. Mas a partir da segunda metade da década o clima começa a amenizar, os líderes das grandes potências começam a defender uma coexistência pacífica.

As mudanças comportamentais que marcaram os anos 60 tiveram início na década de 50. As mulheres passaram a participar mais ativamente em diversas atividades, tais

---

<sup>24</sup> Texto baseado em A década de 50.

como decisões políticas e mercado de trabalho, e sua libertação sexual, proporcionada pela invenção da pílula, modificou as relações familiares, criando novos parâmetros para seu estabelecimento.

A TV começou a ganhar espaço cada vez maior como entretenimento doméstico e gradativamente como fonte de informação. Através dela as imagens podiam ser vistas ao mesmo tempo, em lugares diferentes, por milhares de pessoas. O que dava a sensação de se estar participando, realmente, dos acontecimentos.

O cinema passou por grandes transformações, tanto técnicas quanto conceituais. Seu papel foi de destaque nas mudanças de valores e hábitos dos jovens, pois difundiam novos modelos de comportamento, como os heróis rebeldes vividos por Marlon Brando e James Dean que personificaram a imagem de uma juventude que resistia a sociedade, através da negação de seus costumes e hábitos.

O cinema também foi importante para a divulgação de um novo gênero musical, o Rock, que foi uma forma da juventude se rebelar através da música. Um de seus maiores ícones foi Elvis Presley, que enlouquecia a juventude dos EUA. Enquanto isso do outro lado do atlântico, na Grã-Bretanha começava a se formar os Rolling Stones, que se mantém até os dias de hoje. Desse embrião nasceria mais tarde o fenômeno The Beatles, que exerceu grande influência na música, sendo eleita este ano (2004) pela Revista “Rolling Stones”, como os melhores artistas de todos os tempos.<sup>25</sup>

O Brasil passava por uma crescente industrialização que resultou na sua modernização em todos os setores, do modo de vida à arquitetura. Essa industrialização levou a população a buscar os centros urbanos, na esperança de uma vida melhor. O que

---

<sup>25</sup>Revista “Rolling Stones”. Disponível em <jornal.publico.pt/publico/2004/03/27/Cultura/C08.html>, Acesso março de 2004

resultou numa explosão demográfica nas cidades, mudando suas feições. Residências familiares se transformaram em pensões, dando lugar aos migrantes recém chegados. Favelas e bairros de periferia surgiam em grande velocidade. Poucas cidades conseguiam conciliar o crescimento com um planejamento de ocupação do solo. A concentração da população nas cidades transformaram-nas em locais de manifestações; sociais e políticas.

O aumento do consumo também é verificado, principalmente nas classes alta e média da população urbana. O principal veículo é sem dúvida a propaganda, que criava novos hábitos e despertava necessidades antes nem cogitadas.

É nessa época que se dão os avanços dos meios de comunicação de massa. Estes marcam o início da indústria cultural, com seu poder homogenizador. Entretanto, ela atinge somente uma parte da população, devido ao baixo padrão de vida dos brasileiros que não tinham, muitas vezes, nem o básico.

Na política o quadro era parecido com os demais países da América Latina, com governos do tipo populista.

Apesar de contemplar os interesses econômicos no campo político, o Estado populista, se dizia representante de todas as classes. Sua sustentação dependia do equilíbrio entre burguesia e trabalhadores, militares e civis. Este foi mantido a base de pequenas concessões aos trabalhadores. Porém, com o tempo, cada lado defendeu com mais precisão seus interesses, pondo em risco esse equilíbrio vital. E ele foi rompido quando a crescente pressão social, traduzida em movimentos grevistas, prejudicou o ritmo de acumulação de capital pela burguesia. O que acabou resultando no golpe militar de 64 que durou por quase 30 anos.

De acordo com o que foi escrito por Caetano Veloso em seu livro Verdade Tropical (1997, p.42) nesse cenário político e social quando o país vivia um raro momento de

florescimento artístico, como poucas vezes se viu na história da cultura nacional, nasceu o maior movimento musical da história brasileira: a Bossa Nova.

As primeiras manifestações do que viria a ser conhecido como Bossa Nova ocorreram no final da década de 50, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ali, compositores, instrumentistas e cantores intelectualizados, admiradores do jazz americano e da música erudita, tiveram participação efetiva no surgimento do gênero, que conseguiu unir a alegria do ritmo brasileiro às sofisticadas harmonias do jazz americano.

Todos eles jovens músicos, compositores e intérpretes que, cansados do estilo que dominava a música brasileira até então, buscavam algo realmente novo, que traduzisse seu estilo de vida e que combinasse mais com o seu apurado gosto musical.

Após o lançamento do primeiro LP de João Gilberto, chamado *Chega de Saudade*, a Bossa Nova rapidamente se transformou em mania nacional e em poucos anos conquistou o mundo. Tornando-se referência de música brasileira em diversos países, principalmente nos EUA.

<sup>26</sup>Anos 60 – As mudanças iniciadas na década anterior, ganharam força e marcaram os anos 60 como uma época de rebeldia e contestação. O mundo continuava dividido entre capitalista e socialistas, mas os dois “mundos” presenciaram um grande desenvolvimento tecnológico e econômico, possibilitada pela disponibilidade de energia barata, o que facilitou a industrialização. No mundo capitalista, os símbolos dessa fase tão próspera foram as indústrias automobilísticas e de produtos eletrônicos, que, seguindo uma tendência que começava a tomar forma, se tornavam multinacionais. Ou seja, atravessavam fronteiras, atraídas por mão-de-obra barata, mercado em potencial e garantias políticas, o que gerou uma internacionalização da economia. Mas isso não significou uma melhor

---

<sup>26</sup> Texto baseado em: A década de 60.

distribuição da produção, pelo contrário, as multinacionais não tinham interesse em investir no país onde se instalavam, assim enviavam a maior parte dos lucros para as suas matrizes, sediadas nos países de origem. Dessa forma, o que ocorreu foi um maior distanciamento entre países pobres e ricos.

Um dos símbolos do apogeu tecnológico vivido nessa época foi a chegada do homem a lua, transmitida ao vivo para milhares de pessoas no mundo todo. Esse episódio serviu não só para demonstrar os avanços da ciência, como também para mostrar a supremacia dos EUA sobre a URSS, na conquista pelo espaço. Apesar de conflito entre as duas potências, já dar sinais de enfraquecimento, alguns acontecimentos marcantes ocorreram naqueles anos, como a construção do muro de Berlim, separando as duas Alemanhas (Ocidental e Oriental), e a Revolução Cubana, que instaurou o primeiro governo socialista no continente americano. Cuba, também, foi cenário da crise dos mísseis, televisionado para o mundo, que se apavorou com a possibilidade de um conflito nuclear. A crise começou quando os EUA descobriram bases soviéticas com mísseis nucleares na baía dos porcos. Logo após solucionar o conflito, EUA, URSS e Inglaterra assinaram um tratado de não proliferação de testes nucleares, assim o mundo pode respirar um pouco mais aliviado, mas nem tanto já que França e China se recusaram a assinar o tratado e ele não envolvia os testes subterrâneos que continuaram a acontecer. A Crise também desencadeou uma política de defesa integrada do continente, liderada pelo EUA, que usou como tática para instalar suas multinacionais em países onde havia resistência nacionalista. Afinal, o mundo viu pela TV, como os comunistas podem causar um desastre, se não forem detidos rápido.

Enquanto isso na América Latina surgiam teorias, que culpavam “os outros”, governo, sistema, política, sempre de fora, pelos problemas internos. Isso uniu vários

setores da sociedade, pois tinham uma causa comum; a luta contra a dominação dos países ricos. Tentaram promover um desenvolvimento autônomo e nacionalista, mas enquanto as esquerdas acreditavam nas mudanças através dessa união entre as classes, a burguesia capitalista queria promover o desenvolvimento com o capital estrangeiro. Já, na Ásia a divisão entre os pólos ocorreu internamente, ocasionando guerras civis em toda a região, sendo o Vietnã o caso mais celebre e o de maiores proporções, inclusive com a intervenção dos EUA, que provocou uma onda de protestos no mundo todo contra essa guerra, mas entrou para a história como a primeira vez que um país pobre venciu um país rico, mas não um qualquer os vietnamitas venceram a maior potência econômica e militar.

A década foi marcada pelas lutas nacionalistas, pelas utopias das esquerdas e pelas manifestações por um mundo diferente. O resultado foi um clima de conflitos e confrontos. Por todo o mundo, a inconformidade com os sistemas estava presente, principalmente entre a juventude que tinham como palavras chaves a: contestação e a rebeldia. De forma pacífica ou violenta eles buscaram criar um mundo alternativo criticando a cultura dominante e os governos. Foram diversos movimentos, que criticaram uma sociedade preocupada em possuir bens materiais e culturais, como símbolo de prosperidade. Alguns exemplos são: “os hippies”, as manifestações artísticas e estudantis e o “Rock”.

O movimento “hippie” conquistou jovens do mundo todo, com suas marchas pacíficas e o lema “paz e amor”. Seus objetivos eram a vida em comunidade, a volta a natureza e uma busca por descobertas, auxiliada por drogas alucinógenas e influenciada pelo misticismo oriental. Era uma busca pelo prazer e pela felicidade. Na música o “Rock” conquistava cada vez mais adeptos e se tornou uma forma de protesto. Surgiram diversas bandas e ídolos e algumas lendas como: Bob Dylan, Rolling Stones e The Beatles. Apesar

dos diferentes estilos as músicas, de todos eles, tinham temas pertinentes para a juventude como um todo, daí seu alcance mundial.

Outra forma de protesto que também marcou essa década foram as manifestações estudantis, marcadas pela recusa. Se nos países capitalistas a revolta era contra a “prisão de luxo” em que viviam, onde tinham tudo desde que seguissem o seu esquema, suas regras; nos países socialistas a luta era contra o totalitarismo, que destruía a utopia socialista. Essas manifestações começavam como uma contestação da cultura e, muitas vezes, como uma crítica a sua própria universidade, mas, com a prisão de estudantes as manifestações se tornaram políticas. E recebiam apoio de outros setores revoltados com a violência policial, que era a forma que o Estado encontrou para conter as manifestações. O “maio francês”, um marco das manifestações também começou como uma crítica a cultura e se tornou uma contestação política, tão importante por reivindicar “outra modalidade, outra cultura” (Marcuse, 1970 *apud* Paes, 1997, p. 29).

Nas palavras do historiador Alain Torraine, esses acontecimentos foram, “as últimas jornadas revolucionárias da época industrial e o prenúncio dos movimentos sociais e das lutas políticas do futuro” (Torraine, 1983 *apud* Paes, 1997, p. 30).

No Brasil a década começa com a posse do presidente Jânio Quadros, sob as conseqüências do governo JK; inflação alta, concentração de renda, salários baixos, déficit no setor público e a não geração de empregos. Ou seja, o desenvolvimento, pelo qual o país passou teve que ser pago a um alto preço, agravando as desigualdades e comprometendo os alicerces que mantinham a democracia populista. O governo Jânio Quadros foi curto e marcado por atitudes que levaram alguns setores da sociedade a se mobilizarem contra o governo tais como: uma política externa independente, que não diferenciava capitalista e socialista e nem tomava uma posição diante do conflito, o que contrariava a direita anti-

comunista e a condecoração de Che Chevara, que não foi bem vista pelas forças armadas e nem pela Igreja. Com a sua renúncia os militares e burgueses tentaram, alegando perigo comunista, impedir a posse do seu vice, João Goulart. Mas não conseguiram, assim ele governou, apesar de num regime parlamentarista, num clima de radicalização dos movimentos sociais e sob a constante ameaça de golpe. Em seu governo defendeu um projeto que estimulava a indústria e os setores agrários voltados para o mercado interno, numa tentativa de desenvolvimento nacional, que buscava controlar a inflação e reduzir as desigualdades. As pressões foram muitas, principalmente dos setores agrários exportadores e da burguesia ligada ao capital estrangeiro. E apesar de sua base política ser precária, ele conseguiu por em prática algumas medidas, o que deu esperança para a esquerda, que passou a acreditar que o governo iria lutar contra o imperialismo e passaram a apoiá-lo, mas também a pressioná-lo para que cumprisse as promessas. Mas nem tudo eram flores, desde sua posse que alguns setores da sociedade, que estavam ligados ou se beneficiaram com o capital estrangeiro, iniciaram uma ação para desestabilizar o governo, que deu tão certo que mais tarde foi exportado para outros países latino-americanos. No rádio, TV e jornais crescia as denúncias de corrupção incompetência e infiltração comunista no governo.

É nesse contexto que o governo, em março de 64, decreta a desapropriação de terras e a nacionalização de refinarias de petróleo, numa tentativa de conseguir aliados. Mas a resposta foi uma intensificação da ofensiva golpista, culminando na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” em SP e diversas outras manifestações, pedindo a sua renúncia. No final de março de 1964 é dado o golpe militar, foi o início de um período conturbado, triste e repleto de violência e abusos na história do Brasil. Enquanto o Congresso tentava adaptar a Constituição o exército editava o seu primeiro Ato Institucional (AI-1), que dava amplos poderes ao Executivo, o que deixava o Congresso e os partidos quase sem função.

Iniciaram também a “operação limpeza”, com prisões e torturas por todo o país. Apesar de ter sido apoiado por vários setores da sociedade, o novo governo beneficiou somente a burguesia multinacional e os próprios militares. A classe trabalhadora se viu em situação complicada, pois teve seus salários reduzidos e não podia lutar pelos seus direitos, já que os sindicatos eram controlados e o direito de fazer greve havia sido proibido. Assim, sem pressão, o Estado pode privatizar setores essenciais, como saúde e educação, visando o retorno financeiro. Isso promoveu uma queda acentuada na qualidade do ensino nas escolas públicas, antes consideradas as melhores, pois se tinha interesse em promover o ensino particular. Na área da cultura a intervenção ocorreu, pois o Estado percebeu que ela poderia ajudar o regime, desde que fosse controlada. Assim o regime usou a censura para impedir o desenvolvimento da produção cultural contrária a sua ideologia, o que não impediu que a produção cultural da época fosse intensa, principalmente a que ia contra ao regime.

Aos poucos muitos dos aliados do regime, principalmente a Igreja, começaram a contestar e a denunciar seus atos arbitrários e violentos. Em 1968, a sociedade se levanta em protestos contra o regime, iniciados depois da morte de um estudante, durante uma manifestação, pela polícia que tinha ordem para acabar com o protesto “à bala”. Foi o início de um ano muito conturbado, em que o movimento estudantil ganhou forças e passou a responder com violência a violência que sofria. A resposta do Estado foi a assinatura do AI-5 que decretou o fechamento do Congresso, dando total poder para o Executivo, e instituído a censura total e a tortura para presos políticos, que incluía estudantes, jornalistas, padres e políticos ou qualquer um que se atrevesse a lutar contra aquele regime. Essa luta duraria por mais alguns anos, mas a semente da mudança já estava lançada e nada poderia detê-la, pois mesmo com tantas dificuldades essa década viu, ou melhor, promoveu uma produção cultural tão rica e original que influencia artistas até hoje.

#### 4.5.6. O Movimento Musical “Clube da Esquina”

Os chamados "anos dourados" foram pobres em termos de cultura musical, na década de 60 isso mudou, com o surgimento, quase simultâneo, de três vertentes na música feita no Brasil.

A Bossa Nova, que na verdade surgiu no final dos anos 50, com uma mistura perfeita entre jazz e samba. A Jovem Guarda que surgiu com a febre dos “The Beatles” e conquistou os jovens da classe média baixa, com versões de sucessos de bandas inglesas e americanas. Dois anos depois do seu surgimento foi a vez da Tropicália, que fez sucesso entre os jovens universitários, antenados com os protestos contra a ditadura militar. Era tida como uma trilha sonora genuinamente brasileira, cheia de “atitude” e “nacionalismo verdadeiro”.

As publicações sobre música popular brasileira citam apenas estas três vertentes como sendo a cara da música brasileira na década de 60. O que não está errado, mas desconsideram uma outra vertente, mais regional, mas com força e criatividade igualmente relevantes e que agregou um pouco do que essas três tinham de melhor.

O jazz da Bossa Nova, a paixão pelos Beatles da Jovem Guarda e as referências culturais brasileiras da Tropicália. Esse movimento se chamou “Clube da Esquina”. Que nada mais era do que uma referência a uma esquina do Bairro de Santa Teresa em Belo Horizonte, onde alguns jovens se reuniam para tocar violão.

Tudo começou em 1963, na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais quando o então jovem Milton do Nascimento, que acabava de chegar de sua cidade Natal,

Três Ponta, foi morar numa pensão no Edifício Levy, na cinzenta Avenida Amazonas, no centro da cidade. No mesmo Edifício, em outro apartamento, morava a família Borges.

Milton, ou Bituca como era chamado, fez amizade com o filho mais velho de “seu” Salomão e dona Maricota, Marilton. Os dois tocavam juntos no grupo Evolussamba. A convivência com a família o aproximou dos outros filhos, principalmente de Márcio e Lô Borges, e também lhe rendeu o título de décimo segundo filho.

Os encontros entre Milton e os irmãos Borges eram no “quarto dos homens”, no apartamento da família Borges, e nos bares do centro da cidade, em noites regadas com muita bebida, principalmente batidas de limão.

Márcio Borges foi quem percebeu a originalidade na música de Milton (Bituca) e o instigou a se dedicar, selando uma amizade e uma parceria nas composições.

Lô Borges, por sua vez, estudava harmonia com o guitarrista Toninho Horta e escutava os discos dos “Beatles” com Beto Guedes, o que resultou na montagem da banda couver “The Beavers”.

Milton Nascimento participou de festivais, chamando atenção para sua voz e suas composições, o primeiro não teve um bom resultado tendo suas “filhas (como chamava as suas composições em parceria com Márcio Borges) desclassificadas, mas no segundo, no qual foi inscrito sem seu conhecimento, a música “Travessia” (em parceria com Fernando Brant) ficou em segundo lugar, era o começo do estrelato. Enquanto isso a turma, de músicos mineiros, reunida por Milton e os Borges não parava de crescer, com a chegada de Flávio Venturini e Tavinho Moura.

Com o sucesso do disco Clube da Esquina, que recebeu o nome da música composta por Lô Borges em parceria com Milton Nascimento e Marcio Borges, a imprensa e o público passaram a se referir àquela turma de músicos como o pessoal do Clube da

Esquina, e assim foi batizado o movimento musical que levou para fora das montanhas de Minas o seu som e a sua cultura.

Era comum entre os integrantes, a origem de classe média, o grande interesse por assuntos culturais e políticos e a disposição de privilegiar os temas sociais em detrimento do amor nas letras. Antes mesmo que se formalizasse um movimento (que, de acordo com seus integrantes, nunca se formalizou), Milton e Lô Borges entraram nos estúdios para gravar o disco Clube da Esquina, que deu nome ao movimento, com uma capa que trazia apenas a foto de dois meninos, um preto e um branco, na beira de uma estrada em Nova Friburgo, o LP apresentou ao país a mistura de sons; bossa nova, “Beatles”, toadas, congadas, choro, jazz, folias de reis e rock progressivo; feita por aquele grupo de mineiros, ao qual se agregaram ainda o letrista Ronaldo Bastos e o grupo Som Imaginário, de Wagner Tiso.

Estudiosos dizem que esse LP foi o marco zero para aquele que foi o primeiro movimento musical brasileiro de importância depois da Tropicália.

Analisando o “movimento” Clube da Esquina em sua tese “Clube da Esquina e Belo Horizonte: romantismo revolucionário em uma cidade de formação ambígua”, o autor Luiz Otávio de Corrêa propõe um corte temporal, dividindo-o em três fases. Estas espelham também o panorama do país e do mundo àquela época.

Em 1963 havia em Belo Horizonte e bem como em todo o país, uma grande efervescência cultural e social evidenciada pelos festivais de música que ocorreram na época (Festival da Canção e da Record) e advinda principalmente dos movimentos estudantis. Foi nessa época que Milton Nascimento veio para Belo Horizonte e conheceu o clã dos Borges no edifício Levy. Iniciava-se aí o que para Corrêa é a primeira fase do “Clube”. Por meio de depoimento oral dado ao Jornal Estado de Minas em 8 de abril de

2000, Toninho Horta corrobora a tese de que havia uma clara divisão nessa fase. Ele afirma: “*Havia uma cisão entre os músicos de jazz e os que aceitavam as influências da música pop e do rock’n roll*”.

Do primeiro grupo vieram Marilton Borges, Wagner Tiso, Toninho Horta. Mais tarde Milton Nascimento e Márcio Borges juntaram-se para firmar parcerias nas canções Novena e Crença, que estão no disco Travessia de 1967. Do segundo grupo vieram Beto Guedes e Lô Borges, que montaram a banda “The Beavers”, um “couver” dos “The Beatles”, com o apoio e admiração de Milton e uma certa resistência de Márcio Borges, que achava aquilo coisa passageira, os Beatles, e brincadeira de criança, os Beavers.

A segunda fase é a consolidação do movimento no cenário nacional, que vem com o lançamento, em 1972, do álbum “Clube da Esquina 1” que assumiu, mesmo sem ter tal pretensão, uma relevância na música brasileira, refletindo, por meio de suas letras e de suas harmonias elaboradas, o momento histórico que era vivenciado por todos, sendo à Ditadura Militar que vigorava no país o principal marco.

Já na terceira fase, outros músicos do Rio e de São Paulo, como Elis Regina e Miucha, gravam o “Clube da Esquina 2”, de 1978. Em contradição ao do primeiro álbum, o foco torna-se a promoção das carreiras individuais de cada integrante. Na metade da década de 70 há uma retomada dos movimentos sociais pela redemocratização do Brasil, e o clube, que apesar de, como disse Flávio Venturini, “*não ter sido um movimento político e sim musical*”<sup>27</sup>, ganhou forte impulso por inspirarem algumas de suas letras, nos acontecimentos sociais da época.

---

<sup>27</sup> Jornal Estado de Minas, 2000

#### 4.6 Cidades como locais de visitação

Segundo a *Enciclopédia Iluminista* citada por Schiavo e Zettel (1997) “cidade” possui três interpretações diferentes: do ponto de vista urbanístico; do ponto de vista histórico e do ponto de vista jurídico. Não vamos entrar em grandes detalhes a respeito desses conceitos, mas iremos relevar o papel histórico das cidades, como as grandes causadoras de estresse da sociedade e como se transformaram em refugio, o que levou ao surgimento do turismo urbano-cultural.

A partir da Revolução Industrial e depois da 2ª Guerra Mundial, as cidades tornaram-se centro irradiador de estresse, pois era local de trabalho duro e quase nenhuma diversão e instrumento que apóia e legitima o consumo, afinal era preciso incentivar o comércio para que houve desenvolvimento da economia. Assim o Homem, por causa dos movimentos repetitivos, nas linhas de produção das fábricas; e da pressão pela produção que deveria estar sempre crescendo, sentia-se sufocado. E não havia nada para fugir desse cotidiano, uma “válvula de escape” era necessária. Nessa época o turismo era uma atividade de elite, somente os burgueses, donos do comércio, da indústria; tinham condições de arcar com as despesas. Mas com as novas leis trabalhistas, o turismo passou a ser uma alternativa de relaxamento para o cidadão urbano e além de representar uma justificativa para a recuperação de equipamentos carregados de valores culturais e sociais.

As cidades e seu patrimônio histórico e cultural se tornaram alternativas de diversão fazendo surgir uma modalidade de turismo conhecida atualmente como turismo urbano. Que tem um caráter revitalizador através de sua função recreativa e cultural com suas diversas expressões: espetáculos, exposições, meios de comunicação e entretenimento. São

um espaço privilegiado quanto à concentração de atrações, serviços, simbolismos e produções culturais.

Segundo Adyr Balastrieri Rodrigues (2000, p.51) as cidades tem muitas possibilidades de desenvolver estratégias diferentes para atrair um maior fluxo de turistas, como por exemplo festivais e visitas guiadas. Os principais fatores para esta atração podem resumir-se nos seguintes:

- ♪ As atuais infra-estruturas urbanas como aeroporto, autopistas, trens de alta velocidade e similares;
- ♪ Concentração de meios de hospedagem como hotéis, campings e apartamentos; centros e áreas comerciais, grandes armazéns, mercados populares e étnicos;
- ♪ A riqueza cultural urbana, seus monumentos históricos e arquitetônicos, com suas paisagens populares e românticas.

Para Antônio Carlos Castrogiovanni, quando se planeja em Turismo “devemos transitar entre o possível significado invisível e o impossível significado mágico visível das paisagens” (2000, p.34). Ou seja, dar vazão a toda criatividade, usando os recursos possíveis. Sendo assim, o que propomos é uma interpretação e exploração do significado de um desses recursos culturais da cidade de Belo Horizonte: o Clube da Esquina.

#### 4.6.1 Belo Horizonte – Uma cidade cultural

Belo Horizonte é a capital do Estado de Minas Gerais, que está localizado na região sudeste do Brasil. Ela é cercada pelas montanhas da Serra do Curral, que são uma moldura

natural e o símbolo da cidade. Possui um clima ameno, com temperatura média de 21° C, o inverno é seco e o verão chuvoso.<sup>28</sup>

<sup>29</sup>Foi escolhida para ser a nova capital das Minas Gerais em substituição a Ouro Preto, sendo a primeira cidade planejada no país. Mas como bem disse o ex-prefeito Célio de Castro:

*“Nenhum plano, por mais rigoroso que fosse, seria capaz de torná-la perfeita. Mas, certamente, são as ações de cada um de seus cidadãos que podem fazer da cidade um lugar mais humano, mais justo e melhor de se viver. Esta é, precisamente, a maior lição que nos ensina a história de Belo Horizonte”.* (Célio de Castro, disponível em [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br))

Antes da sua construção, havia nessa planície, um arraial pacato e ordeiro, chamando Del Rei, como tantos outros espalhados no interior do país. Sua rotina era simples, trabalhar em casa ou na lavoura e como distração havia o bate-papo no botequim, as novenas nas casas e de vez em quando uma serenata. A Proclamação da República trouxe esperança de mudanças, pois era preciso construir uma nova capital, planejada segundo os valores e símbolos da república. Seus moradores comemoram a escolha, mas não fizeram parte da nova cidade.

O plano era construir uma cidade livre de sujeiras, doenças, desordens e revoluções. O engenheiro Aarão Reis foi escolhido para elaborar seu traçado e chefiar a construção, sua inspiração foram as cidades de Paris (França) e Washington (EUA). O centro possuiria um traçado geométrico e regular com ruas amplas formando um quadriculado e as avenidas em diagonal. Receberia uma estrutura urbana completa, com transporte, saneamento, educação

---

<sup>28</sup> Informações retirada do site <<http://www.belotur.com.br>> Acesso em maio de 2004

<sup>29</sup> Texto baseado em BH 100 anos - Uma Lição de História. Disponível em <<http://pbh.gov.br>>

e assistência médica, abrigaria edifícios públicos e seus funcionários, além de estabelecimentos comerciais e seria delimitado pela avenida 17 de dezembro, atualmente chamada de “avenida Contorno”, pois contorna toda a região central.

Os idealizadores da cidade queriam evitar a pobreza retirando os operários assim que as obras estivessem concluídas, mas isso não aconteceu. A inauguração foi feita às pressas e os operários tiveram que permanecer na cidade, mas eles não tinham lugar e nem eram considerados cidadãos, por isso formaram favelas na periferia da cidade, isso mostra que já havia injustiça social logo nos seus primeiros anos de vida.

A cidade demorou a se industrializar, devido a crise que assolava o país e conseqüentemente o Estado, e permaneceu sem uma atividade econômica expressiva durante muitos anos. Isso contribuiu para a cidade ficar sem graça e entediante e as ruas largas davam a sensação de que ela estava sempre vazia.

As diversões eram poucas e bem definidas, para a elite elas estavam na rua da Bahia, onde havia o único teatro e também os bares e cafés onde os homens se reuniam para conversar e falar sobre política. Os jovens, por sua vez, fundavam clubes, uns criados para promover a literatura e outros criados para o carnaval. Outro local também bastante freqüentado era o parque municipal (quatro vezes maior que o atual). Já para os mais pobres a diversão se restringia a periferia, seus botequins e o futebol, pois não tinham condições de pagar por outras distrações e também não eram bem-vistos no centro, área nobre da cidade.

As obras foram concluídas aos poucos e devagar, devido a falta de recursos a cidade foi ganhando praças e jardins, os empregos foram crescendo e atraindo cada vez mais habitantes. Assim a vida social ficou mais agitada principalmente depois da chegada dos cines-teatro, que desenvolveu o gosto, do belo-horizontino, pela moda. Mas a cidade

também enfrentou sua primeira grande greve, onde os trabalhadores exigiam melhores condições, e conseguiram, entre outras coisas, serem reconhecidos como cidadãos.

A década de 20 era uma época romântica, em que a cidade ficou conhecida como “Cidade Jardim”. A cultura estava em alta com a construção de novos cinemas, a fundação do conservatório de Música e a criação da Universidade Estadual de Minas Gerais. Foi nessa época também que a cidade viu nascer uma geração de escritores modernistas, garotos que se reuniam no Bar do Ponto, no Trianon ou na Confeitaria Estrela e que mudariam o panorama da literatura modernista brasileira, entre eles estavam; Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, que recentemente foram homenageados com a colocação de suas estatuas na esquina das ruas Goiás e Bahia.

A indústria ganhou impulso e em 1918 os serviços urbanos foram ampliados, era a modernidade chegando. Na comemoração dos 100 anos da Independência a cidade ganhou um obelisco que ficou conhecido como “pirulito” que foi colocado na antiga praça 12 de outubro que passou a se chamar Praça 7 de setembro ou somente Praça 7, como os belo-horizontinos costumam dizer.

O progresso continuou pela década de 30, mas sem controle ou planejamento, e isso trouxe sérios problemas urbanos, mas o centro continuava relativamente vazio. Foi nessa época que se criou a zona industrial e que nasceram as rádios Mineira e Inconfidentes. A capital começava a dar sinais de amadurecimento.

Os anos 40 trazem a modernidade e o ar de metrópole a cidade, que ganhou várias indústrias e teve seu comércio fortalecido, o que fez com que o centro fosse valorizado e passasse por uma grande especulação imobiliária. O prefeito Juscelino Kubitschek foi o grande responsável pela transformação pela qual a cidade passou nessa década, o melhor exemplo dessa fase é o complexo da Pampulha, que se tornou um dos maiores modelos de

arquitetura modernista brasileira, mas também são dessa fase o palácio das artes o edifício Acaiaca, na avenida Afonso Pena, que na época era o mais alto e mais moderno da cidade e o teatro Francisco Nunes. Foi uma época marcada pela modernização da arquitetura.

Já os anos 50 são marcados pelo crescimento da Cidade Industrial (Contagem) e pela criação da Cemig. Esse desenvolvimento gerou empregos e atraiu mais pessoas para a capital, que teve nessa época seu número de habitantes dobrado, isso levou ao surgimento de novos bairros, mas também fez com que os problemas piorassem. Nessa época o centro da cidade, que antes era o reduto da elite com seus casarões começa a se modificar e a se degradar, o entorno da rodoviária passa a ser reduto da prostituição, mas ainda era lugar também da boemia, onde os homens se reuniam para conversar, trocar idéias. Essa mistura entre boemia e prostituição é muito bem retrato no livro do Roberto Drummond, Hilda Furacão, mais tarde transformado em minissérie pela Rede Globo. Começam a surgir prédios cada vez mais altos e mais modernos, na tentativa de se resolver o problema da moradia, um exemplo é o Edifício JK que é um prédio residencial e abriga centenas de pessoas até hoje. São também dessa época o Edifício Clemente Faria, atual sede do Branco Real na Praça 7, o Edifício Niemayer, na Praça da Liberdade e o Colégio Estadual Milton Campos, mais conhecido como Estadual Central, estes últimos foram projetados pelo jovem arquiteto Oscar Niemayer, que também desenhou o projeto arquitetônico da Pampulha e o Palácio das Artes, localizado na Avenida Afonso Pena.

As orquestras faziam sucesso no rádio e na recém inaugurada TV Itacolomi, as boates e clubes, que se multiplicavam pela cidade e acabaram se tornando um símbolo da cidade, promoviam horas dançantes e bailes de gala. A população mais pobre se divertia com os cinemas gratuitos nas ruas da cidade, uma iniciativa que está sendo retomada num

projeto da prefeitura, que visa fazer a população voltar a utilizar os espaços das praças da cidade.

Na década de 60 a cidade viveu um crescimento econômico que se espalhou pelas cidades vizinhas, que receberam fábricas e investimentos. Mas todo esse progresso trouxe um agravamento dos problemas sociais e urbanos, um deles foi o surgimento de diversas favelas. A falta de consciência sobre a preservação da memória levou a destruição de diversos patrimônios históricos que deram lugar a arranha céus , as árvores foram derrubadas para abrir espaço e dar lugar ao asfalto e ao cimento, já não era mais a “cidade jardim”. Esse crescimento desordenado continuou na década seguinte agravando ainda mais os problemas sociais, o que resultou numa greve de professores e operários que parou a cidade. A cidade já havia sido palco de outras manifestações, em 64 as mulheres católicas saíram as ruas numa manifestação, contra o comunismo, que ficou conhecida como “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, mais tarde foi a vez dos estudantes, que tiveram que enfrentar a polícia, no protesto contra a ditadura, instaurada em março de 64, que mudou a rotina da cidade e de todo o país.

Os anos 80 são marcados por uma tomada de consciência da população de que era preciso cuidar e preservar a cidade antes que ela perdesse as suas referências. Essa vontade levou a população a redescobrir a rua e fazer dela palco de suas manifestações, protestos e artes. E com esse pensamento as pessoas saíram as ruas para protestarem contra a demolição do prédio do Cine Metrópole, hoje o prédio esta restaurado e é sede da Caixa Econômica Federal, uma prova da importância da população na preservação do seu patrimônio.

A cidade começa a mudar para atender essa nova concepção, vários prédios são tombados pelo patrimônio histórico, numa revalorização da memória, e as obras realizadas

tem o objetivo de promover uma qualidade de vida para a população. Mas isso não impede de ainda existir graves problemas, como é o caso da lagoa da Pampulha, que de tão poluída estava praticamente morta, esse problema iria atormentar os belo-horizontinos por muitos anos. A preocupação com a preservação e conservação da cidade continuaria presente na década seguinte, que se confirma com a recuperação de espaços importantes para a cidade, como a Praça da Liberdade, e o controle do seu crescimento através da Lei de Uso e Ocupação do solo.

Os problemas sociais ainda eram preocupantes, muitos cidadãos encontravam-se excluídos, a margem da sociedade. Uma alternativa para resgatar a cidadania e promover uma maior interação com a cidade foram os projetos culturais, que visavam popularizar a arte. Um bom exemplo é o grupo de teatro Galpão que leva seus espetáculos para a rua e que gerou a iniciativa do Festival Internacional de Teatro de rua, que gerou o Festival Internacional de Teatro de Bonecos e o Festival Internacional de Dança. Esse foi o começo de uma iniciativa que renderia diversos frutos que começaram a ser colhidos no começo do novo milênio.

A cidade começa o novo milênio, o novo século ainda com problemas, como o trânsito, que piora com as chuvas, e a violência, que assola todo o país. Mas também com grandes avanços, como o projeto de recuperação da lagoa da Pampulha, que vai levar algum tempo para terminar, mas que irá resolver definitivamente o problema, através do tratamento do esgoto. Outro projeto importante, realizado pela prefeitura para melhorar a qualidade de vida da cidade, é o “centro vivo”, que já restaurou a Praça 7 de setembro, palco de tantas manifestações e comemorações, e que prevê também a revitalização do Parque Municipal, uma área verde no coração da cidade. E aos poucos o verde está

voltando, com a adoção, por empresas privadas, dos canteiros das avenidas, um exemplo é o canteiro central da avenida Francisco Sales adotado pela Unimed-BH.

A popularização da arte e da cultura iniciada nos anos 90 continuou, aumentando seu alcance com a criação das regionais, que auxilia na administração dos bairros e possibilita observar a demanda específica daquela região. Com programação diversificada, que pode ser encontrada nas próprias regionais ou no site da prefeitura ([www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)), e gratuita se tornou uma excelente opção de diversão e aprendizado. Possui oficinas de teatro, música, dança, etc além de promover bailes de carnaval e festas juninas.

A cidade segue buscando preservar seu passado, mas de olho no futuro, e aos 107 anos de idade se tornou uma mistura de tradição e modernidade.

Mas Belo Horizonte ainda não encontrou seu lugar no mercado turístico, ou como se diz, sua vocação. O que é importante, para que os esforços e incentivos sejam dedicados à área escolhida.

Esse projeto optou por valorizar a área cultural, pois foi observado uma crescente oferta de eventos culturais na cidade, e uma receptividade tanto do público de fora como dos próprios moradores, como comprovados através da programação cultural relacionada no site da prefeitura<sup>30</sup> e dos relatos de sucesso, no mesmo.

A iniciativa privada também percebeu que a cultura é um excelente investimento, pois associa a empresa a algo bom, educativo e divertido. Assim surgiram parcerias, como as do Grupo de Teatro Galpão e o Grupo de Dança Corpo, com a Petrobrás, além de diversos eventos como o Itaú Musical, que promove shows na Praça da Liberdade, o Circuito Champion Musical, que são eventos musicais itinerantes e gratuitos.

---

<sup>30</sup> [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)

Outro fator foi o aumento de estabelecimentos com um forte apelo cultural, como as livrarias cafês, que reúnem a cultura com o que Minas tem de mais tradicional, o café e o bate-papo. Esses locais promovem pequenos shows, palestras e encontros de um público interessado em um lazer de qualidade e artista, que apesar do talento, não tem espaço nas grandes casas de espetáculo. Bons exemplos são:

- ♫ Café Belas Artes - Rua Gonçalves Dias 1581- Lourdes;
- ♫ Café da Travessa - Av. Getúlio Vargas, 1405- Savassi;
- ♫ Status Café Cultura e Arte - Rua Pernambuco,797- Savassi;
- ♫ A Cafeteria - Av. Cristóvão Colombo, 152- Savassi; e
- ♫ Café com Letras - Rua Antônio de Albuquerque,781- Savassi.

Que foram os locais escolhidos para se realizar a pesquisa desse projeto.

Essas são algumas das razões que mostram que se a cidade de Belo Horizonte ainda não encontrou sua vocação, a cultura e a música são fortes candidatas.

No entanto, há a necessidade de se apresentar um mercado cultural melhor estruturado e organizado, o que não se percebe atualmente. Pois os produtores culturais não possuem dedicação exclusiva aos eventos, os custos de produção são altos, inexistente uma mídia especializada, há uma dificuldade na obtenção de patrocínio e não há um mercado consumidor consolidado.

Por isso é fundamental que o próprio mercado através do poder público e privado em parceria, crie mecanismos de correção e indução à formação de hábitos culturais nos consumidores.

Pois Belo Horizonte tem mercado e público em potencial, mas há uma necessidade de produções culturais mais bem elaboradas e bem trabalhadas de forma a atingir adequadamente esse público, criando um elo de fidelidade com o mercado e o consumidor.

## 5. METODOLOGIA

*“Métodos significa o caminho para chegar a um fim, enquanto logos indica o estudo sistemático, investigação. Assim, no sentido etimológico, metodologia significa o estudo dos caminhos a serem seguidos, incluindo os procedimentos escolhidos”.*(GONSALVES, 2003, p. 62).

A realização da pesquisa para o projeto de planejamento do “Roteiro Cultural Clube da Esquina” está dividida em 2 etapas com metodologias diferentes:

### 5.1. Primeira etapa (2º semestre de 2003): Pesquisa de Gabinete

Para a construção do Referencial Teórico foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental em livros, sites, recortes de jornais relacionados de forma geral aos seguintes assuntos:

- ♪ Cultura;
- ♪ Clube Da Esquina;
- ♪ Planejamento Interpretativo;
- ♪ Música;
- ♪ Movimentos Musicais;
- ♪ Patrimônio Cultural.

Essa pesquisa serviu para aproximar mais do tema escolhido e conhecendo outras faces do mesmo, e entendendo também sobre o mercado em que estará inserido o possível “produto turístico” aqui formulado.

## **5.2. Segunda etapa (1º semestre de 2004): Pesquisa de Campo**

Levantamento dos recursos e infra-estrutura da região onde estão localizados os locais do roteiro proposto. (Inventário e registro visual)

Elaboração e aplicação de pesquisa estruturada (questionário com perguntas determinadas), visando o levantamento quantitativo, do interesse da população local pelo tema proposto, além de conhecer o perfil dos possíveis consumidores do projeto, determinando características como: faixa etária, poder de consumo e gostos.

## **5.3. Tipologia de pesquisa**

Por ser um trabalho essencialmente de planejamento em que se está fazendo uma descrição do projeto para posterior aproximação com o objeto de estudo, considera-se ser esta uma pesquisa exploratória. Os procedimentos metodológicos a serem utilizados, como já citado, serão a pesquisa de campo (aplicação de questionários) e a pesquisa bibliográfica e documental.

#### **5.4. Atores de pesquisa**

O alvo principal de nossa pesquisa será o público que frequenta bares e cafés de Belo Horizonte, por causa do perfil que apresenta: voltado para a Música Popular Brasileira e frequentadores de eventos culturais em Belo Horizonte. Serão aplicados 100 formulários. Já na parte de inventário da oferta turística, os sujeitos são os integrantes do grupo, os pesquisadores, que entraremos em ação para conhecer o nosso insumo.

### **6. ANALISE DA PESQUISA DE CAMPO**

#### **6.1. Sujeitos**

Os sujeitos da pesquisa foram 100 pessoas frequentadoras de cafés na região da Savassi em Belo Horizonte. Foram escolhidas aleatoriamente, sem distinção de classe social, faixa etária ou sexo. Os pesquisadores também abordaram as pessoas nos mais variados horários, informando-as do objetivo da pesquisa. A participação na pesquisa foi voluntária e houve pessoas que não se dispuseram a responder.

## 6.2. Local

O local para a coleta de dados foram cinco cafés de cunho cultural localizados na região da Savassi. São eles:

- ♪ Café Belas Artes- Rua Gonçalves Dias 1581- Lourdes
- ♪ Café da Travessa- Av. Getúlio Vargas, 1405- Savassi
- ♪ Status Café Cultura e Arte- Rua Pernambuco,797- Savassi
- ♪ A Cafeteria- Av. Cristóvão Colombo, 152- Savassi
- ♪ Café com Letras- Rua Antônio de Albuquerque,781- Savassi

A escolha por cafés se deu por se tratar de locais em que a música e a intelectualidade estão sempre em voga. De acordo com o site <http://www.psicologia.com.pt>, “Em França, os cafés tornaram-se locais de reunião de intelectuais, com freqüentadores como Robespierre, Victor Hugo, Voltaire, Napoleão e Rousseau.”. E com essa escolha delimitamos o público-alvo do projeto.

A localização dos mesmos na região da Savassi seleciona ainda mais o público, já que é uma região freqüentada pela classe média e alta.

A gerência dos estabelecimentos foi contatada previamente para a explicitação dos objetivos da pesquisa e autorização para a aplicação dos questionários. Após a autorização, teve início a coleta que foi dos dia 27 de abril ao dia 19 de maio de 2004.

### 6.3. Instrumento

O instrumento de coleta utilizado foi à entrevista estruturada, feita na forma de questionários. Eles possuíam perguntas previamente formuladas aos entrevistados que dirigiram-nos , segundo o tema proposto e buscavam conhecer o perfil do público que pretendemos atingir através de perguntas como meio de comunicação que utilizam para escolher seu programa cultural e o que o faz decidir por um lugar ou outro.

A opção pela entrevista estruturada fundamentou-se em TRIVIÑOS:

*“Sem dúvida alguma, o questionário fechado, de emprego usual no trabalho positivista, também o podemos utilizar na pesquisa qualitativa. Às vezes, o pesquisador, desta última linha de estudo precisa caracterizar um grupo de acordo com seus traços gerais (atividades ocupacionais que exercem na comunidade, nível de escolaridade, estado civil, função que desempenham nas associações..etc.)A escala de opinião surgida de uma sondagem realizada junto aos sujeitos também a podemos usar como instrumento auxiliar na busca de informações. A entrevista estruturada, ou fechada, pode ser um meio do qual precisamos para obter as certezas que nos permitem avançar em nossas investigações. A observação dirigida, estruturada, é capaz de ser útil para evidenciar, na prática, certos comportamentos que nos interessam colocar em alguma perspectiva ou convencer-nos de sua ausência. Inclusive os formulários e fichas, especialmente quando se trata de elementos físicos, nos podem ajudar para reunir os dados de que necessitamos.” (TRIVIÑOS, 1987, p 137- 138).*

#### 6.4. Análise do material

A análise consistiu de um processo de leitura das respostas aos questionários. Estas receberam uma tabulação eletrônica através do programa *Excel* e o resultado final foram gráficos que possibilitaram algumas conclusões importantes.

Neste sentido, buscou-se os significados das respostas dadas para a conclusão da certeza da demanda existente e latente e para a implantação futura do projeto.

Visando apresentar uma descrição objetiva da pesquisa feita, foram construídos gráficos que ilustram bem as conclusões obtidas.

##### 6.4.1. Perfil dos Entrevistados

Trabalhou-se com um universo de 1.074.716 na faixa de 20 a 54 anos, tendo como fonte os dados do IBGE de contagem populacional de 1996, conseguidos através do site da Prefeitura Municipal de BH<sup>31</sup>. Nosso coeficiente de confiança foi de 95,5% e a margem de erro de mais ou menos 10% para o universo citado acima. (TAGLIACARNE, 1995, p 174)

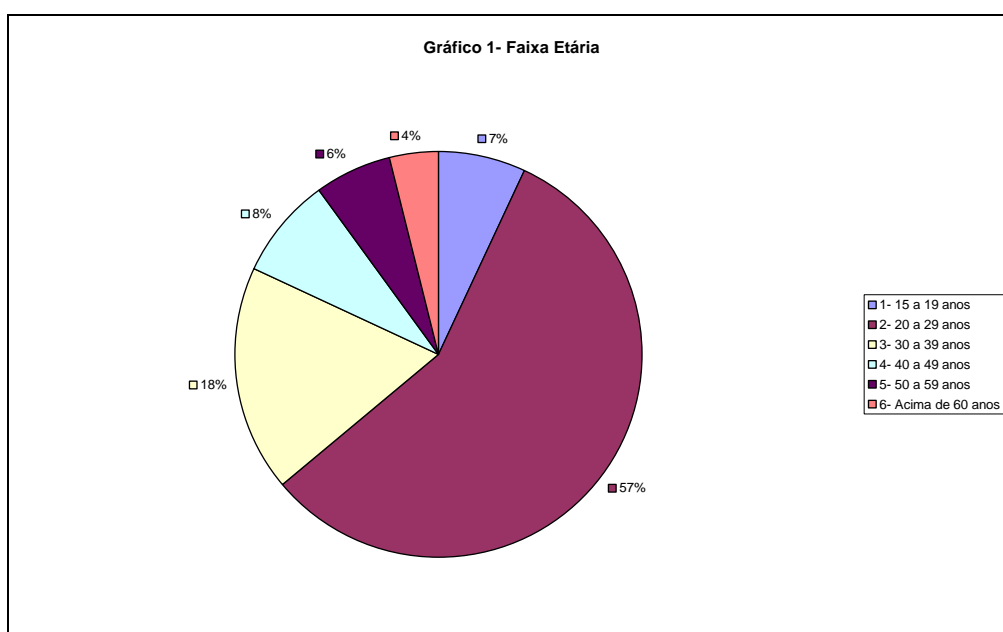
O perfil dos entrevistado foi traçado com a observação dos gráficos de faixa etária, sexo e grau de escolaridade.

---

<sup>31</sup> [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)

#### 6.4.1.1. Faixa Etária

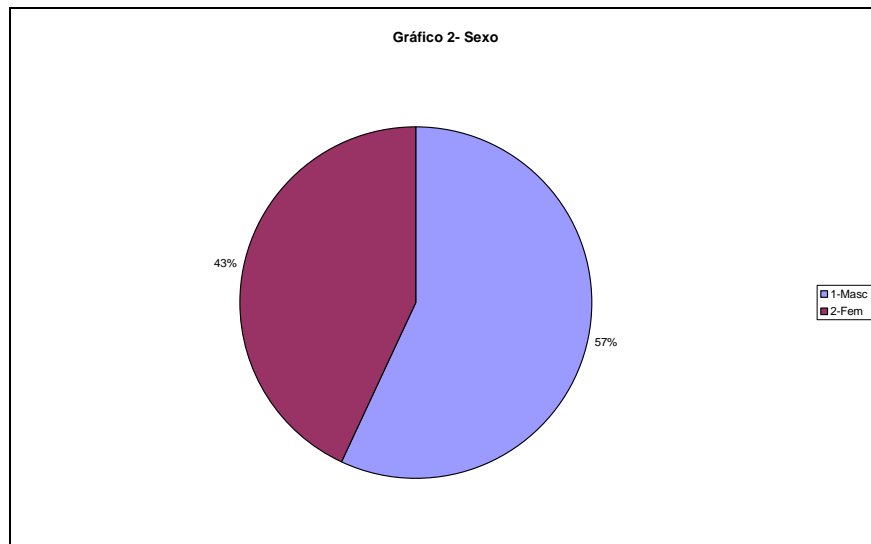
Como aparece no gráfico 1, por um vício e predisposição dos entrevistadores, a pesquisa ficou concentrada na faixa etária de 20 a 29 anos. Entretanto, este configura-se um público muitas vezes desconhecedor da maior parte da história do Clube da Esquina, mas que está voltando a gostar da Música Popular Brasileira e de projetos culturais voltados para as artes, dança e música de uma maneira geral.



**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo**  
**Base de dados: 100 questionários**

#### 6.4.1.2. Sexo

Já no que tange ao tange ao sexo dos entrevistados, como podemos ver nos gráfico acima, coletamos 57% masculinos e 43% femininos. Isso,tem como consequência uma pesquisa com o cunho mais racional mas, que, acreditamos não ter consequências muito graves para o seu resultado final

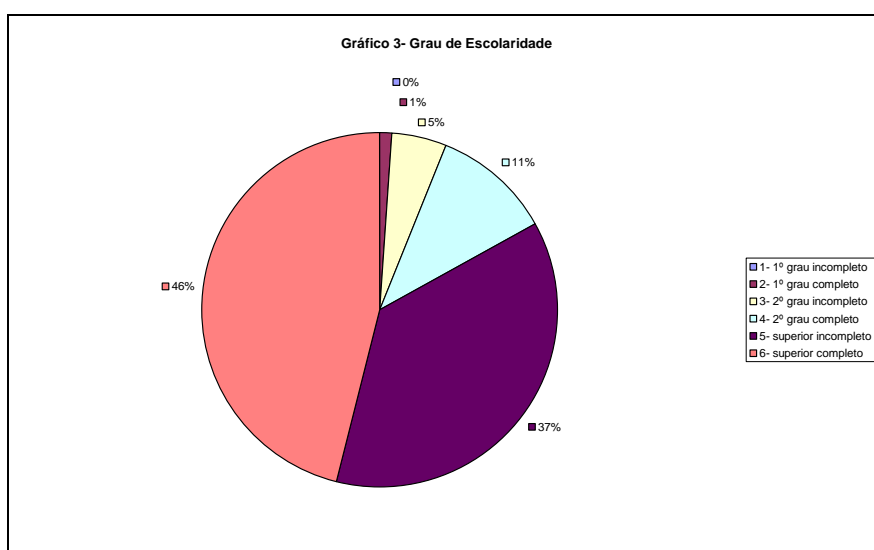


**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo**  
**Base de dados:100 questionários**

### 6.4.1.3. O grau de instrução e sua consequência nos resultados

Denotando um elevado nível de escolaridade do público abordado o gráfico 3 mostra que 46% dos entrevistados têm o curso superior completo, dividindo o primeiro lugar com outros 37% de pessoas de superior incompleto.

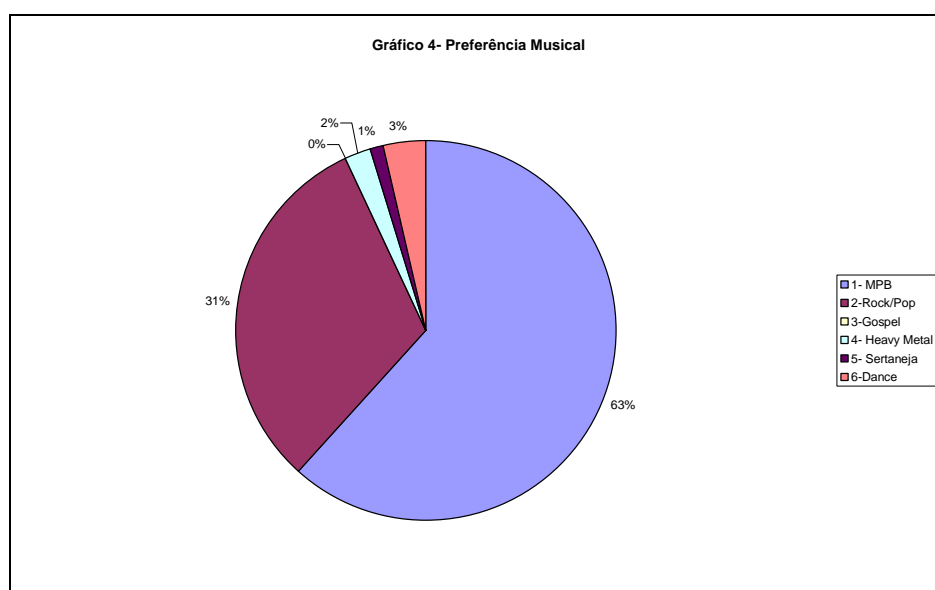
O público freqüentador de cafés normalmente é um público diferenciado e apreciador de cultura de uma forma geral e em especial pela cultura brasileira.



**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo**  
**Base de dados: 100 questionários**

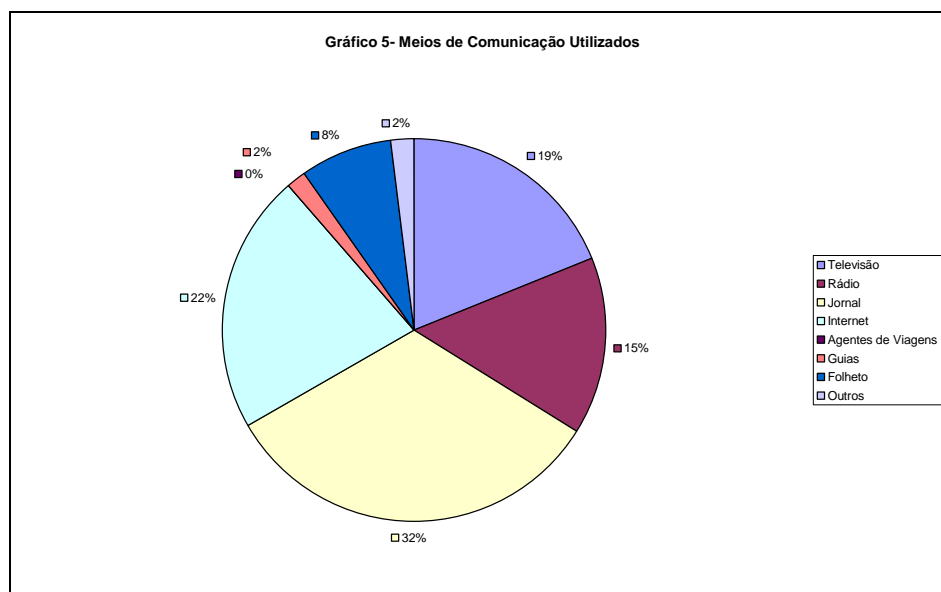
Fato esse que também pode ser comprovado pelo gráfico 4 que ilustra as preferências musicais dos entrevistados pela pesquisa. A maioria dos entrevistados (63%) tem como preferência a MPB. Em segundo lugar vem o POP/ Rock com 31 % e

nisso também se inclui o Pop/Rock Nacional. Isso não deixa de ser algo benéfico também para o projeto, já que será necessário que o público atingido seja apreciador da música do Clube da Esquina.



**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo**  
**Base de dados: 100 questionários**

Além disso, comprova-se que o público abordado é bem instruído pelo resultado expresso pelo gráfico 5 que nos mostra que os entrevistados utilizam mais o jornal para se informarem sobre os eventos culturais da cidade.



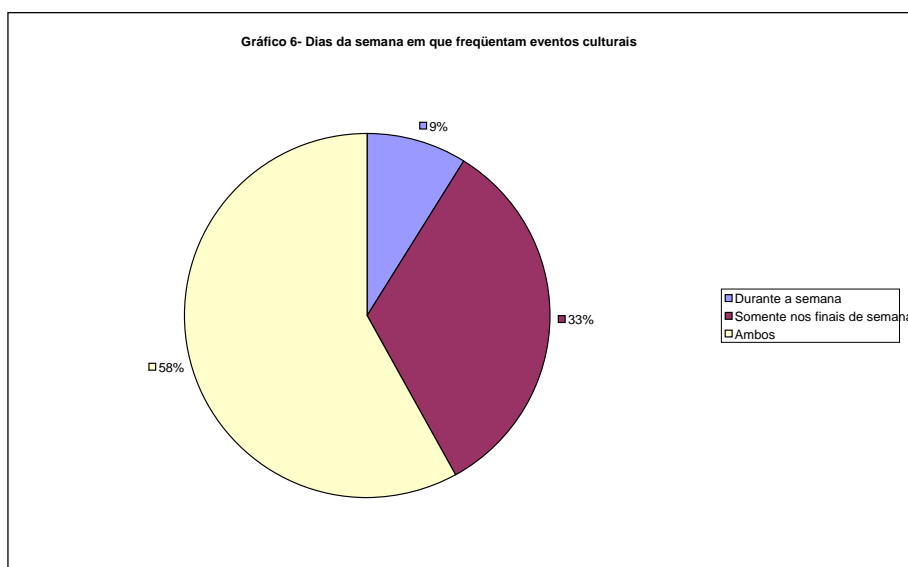
**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo  
Base de dados: 100 questionários**

Todavia, como já era de se esperar, o segundo lugar coube a Internet, que toma cada vez mais o espaço da mídia impressa na preferência das pessoas, estando na nossa pesquisa acima inclusive, da televisão, que costumeiramente era tida como um veículo muito importante em nosso país.

#### 6.4.2. Dias da semana em que freqüentam eventos culturais

Comprova-se pelo gráfico 6, que as pessoas entrevistadas não limitam sua freqüência a eventos culturais aos finais de semana, o que configura-se como algo bom para o que diz respeito ao museu Clube da Esquina que está incluso em nosso projeto, já que

58% dos entrevistados freqüenta eventos tanto nos finais de semana quanto durante a semana e será necessário uma certa constância na freqüência ao museu.

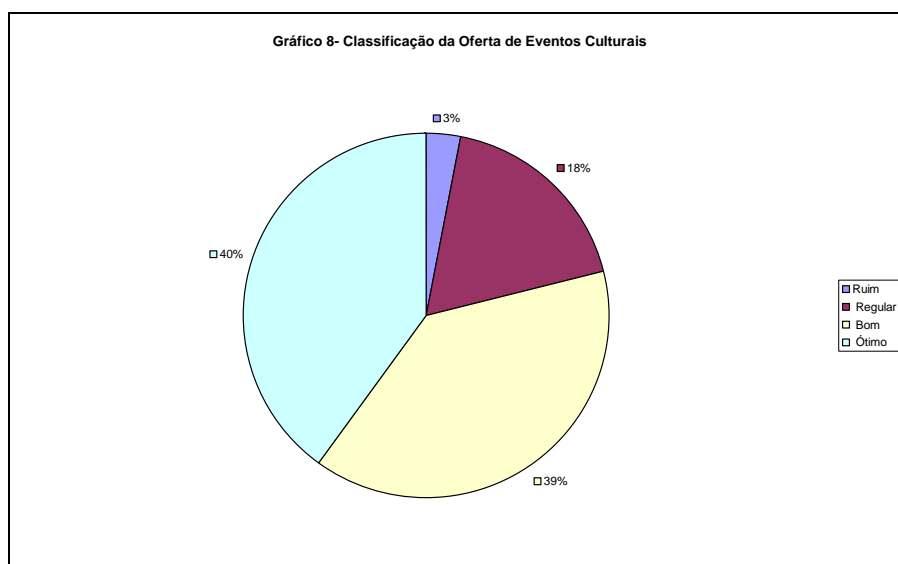
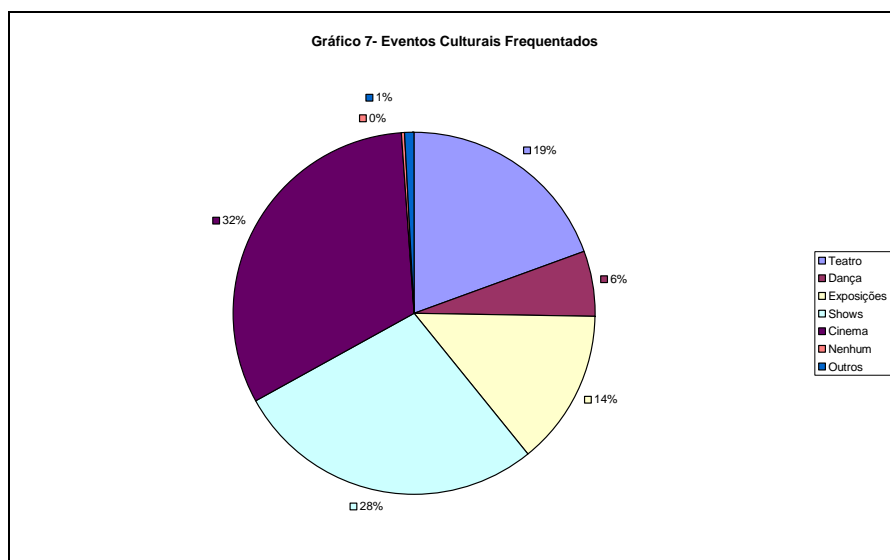


**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo  
Base de dados: 100 questionários**

#### 6.4.3. Os eventos culturais em BH: tipo freqüentados, classificação e qualificação da oferta.

Foram 32% os entrevistados que citaram o cinema como principal opção cultural na cidade que, para 79% deles possui uma oferta cultural entre boa e ótima.

A hipótese de que a escolha pelo cinema deva-se principalmente ao preço, caro para muitos de shows, espetáculos de dança e do teatro serem muito altos é comprovada pelo gráfico 9 dos Problemas dos Eventos Culturais em BH.



**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo  
Base de dados: 100 questionários**

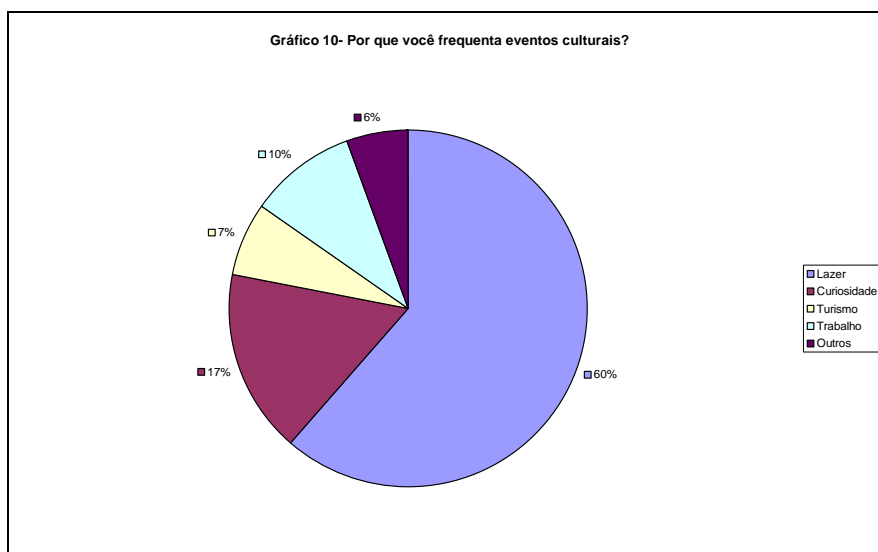
Como podemos ver no gráfico acima, na pesquisa realizada, 31% citaram os preços como o principal problema dos eventos culturais de BH, seguido de perto (22%) pela falta de variedade. No caso de um projeto como o nosso, que inclui um museu, festivais de música e informação, esses resultados nos fazem pensar na necessidade de muita criatividade e de parcerias e financiamento para não onerarmos demasiadamente para o nosso cliente final.

#### 6.4.4. Motivos pelos quais as pessoas vão a eventos culturais

No gráfico 10, confirma-se a necessidade e tendência atual das pessoas de lazer. Muito mais do que por simples curiosidade, as pessoas vão a eventos culturais por lazer. Além disso, é expressiva a porcentagem de pessoas que decidem sua diversão baseadas na indicação de amigos. (34%)

Isso embasa conclusões a respeito do marketing a ser implementado. Por causa dessa divisão, na escolha pelo evento, entre amigos e gosto pessoal, entende-se que estratégias iniciais como a divulgação em bares e cafés e em escolas e universidades, serão interessantes para fazer o projeto conhecido entre o público-alvo.

Surpreendentemente, o item localização não foi tão bem votado (apenas 8%) como se esperava. Era de se esperar que estivesse pelo menos a frente do item crítica (12%). Entretanto, não acredita-se que deva-se desprezar a escolha de um bom local para o museu (central talvez) e para os eventos agregados a serem realizados.

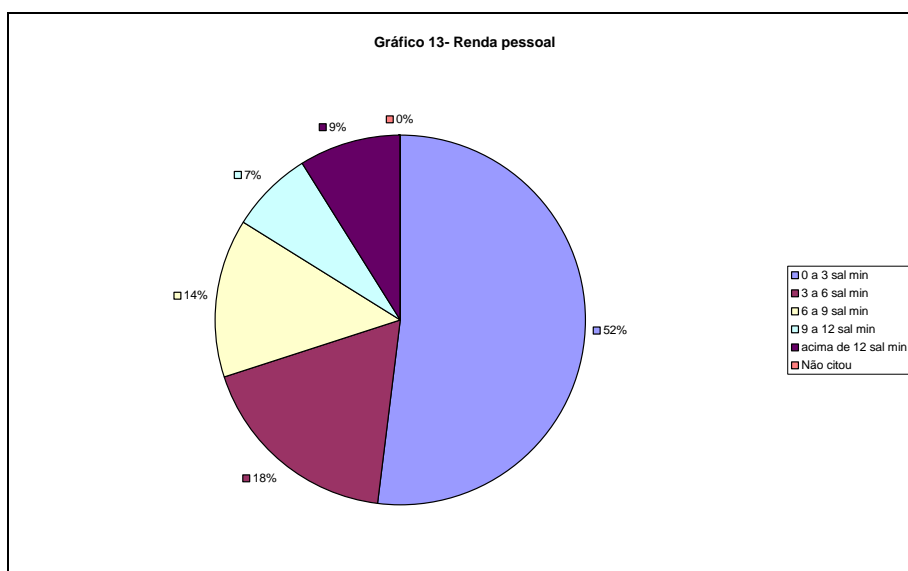
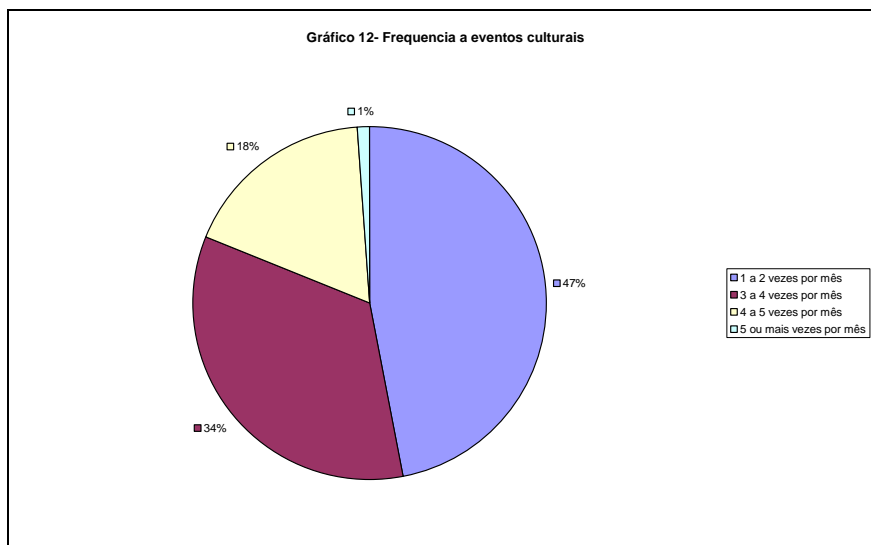


**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo**  
**Base de dados: 100 questionários**

#### 6.4.5. O problema da frequência aos eventos e locais culturais

Extremamente ligado ao custo do eventos e a renda pessoal de nossos entrevistados e talvez a suas idades também, está o gráfico que representa a frequência dos entrevistados aos eventos.

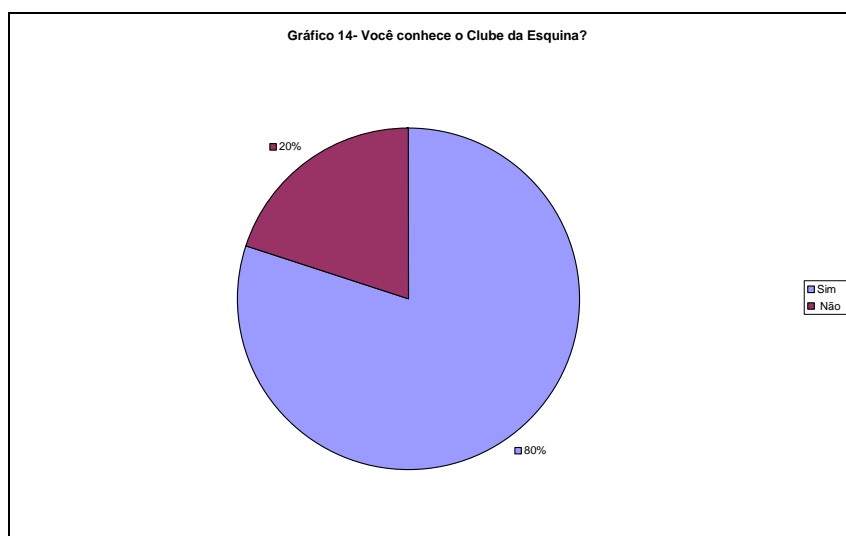
Uma esmagadora maioria (81%), vai a eventos culturais até 4 vezes por mês. Isso vem a confirmar o que já dito anteriormente sobre a necessidade de parcerias e patrocínio com vistas a baratear a ações do projeto e incentivar a ida ao museu e a eventos tanto nos dias de semana quanto finais de semana. Isso deve ao que comprova-se através do gráfico 13 que mostra que, muitos dos entrevistados recebem até 2 salários mínimos. Uma realidade da maioria dos brasileiros.

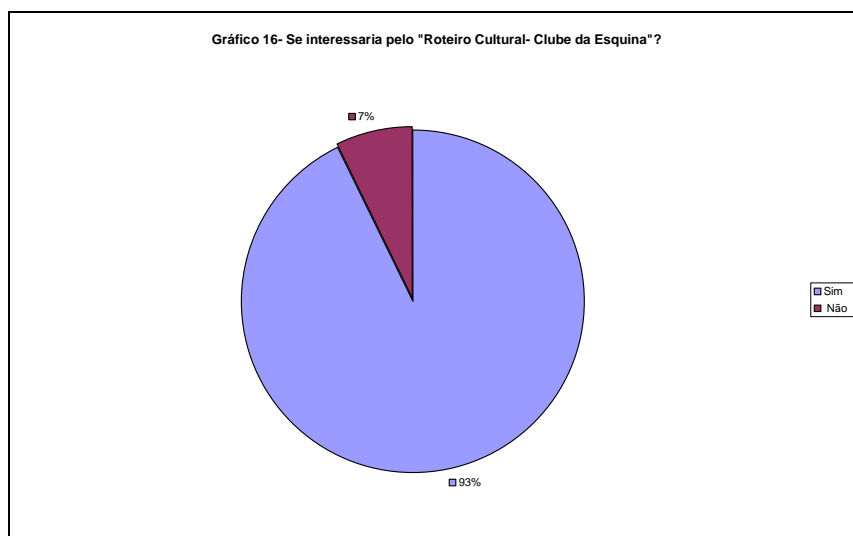


**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo  
Base de dados: 100 questionários**

#### 6.4.6. Informação e o interesse das pessoas pelo produto.

Já era esperado, mas a pesquisa comprovou, que principalmente por se realizar a pesquisa na cidade onde o movimento nasceu, os entrevistados conhecem o Clube da Esquina e se interessam por um produto com esse tema. Então o que seria necessário é criatividade e inovação para conquistar esse público.





**Fonte: Pesquisa de Campo do Grupo**  
**Base de dados: 100 questionários**

## 6.5 CONCLUSÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Concluiu-se que a pesquisa de campo, apesar de muito importante para o projeto, só veio a confirmar várias de nossas suspeitas sobre a possível aceitação da proposta de aproveitamento da música e do Clube da Esquina como produto turístico. Em suma, os resultados majoritários do perfil do público enfocado foram principalmente:

- \* **Faixa etária** : 20 a 29 anos    \* **Preferência Musical**: MPB
- \* **Sexo**: Masculino                    \* **Eventos freqüentados**: Cinema
- \* **Escolaridade**: Sup.Completo \* **Razão para freqüência** :Lazer
- \* **O que faz decidir?** :Gosto pessoal e indicação
- \* **Renda pessoal**: 0 a 3 salários mínimos
- \* **Freqüência a eventos culturais**:1 a 2 vezes por semana
- \* **Conhece C. da Esquina?**: Sim
- \* **Se interessaria pela proposta?**: Sim
- \* **Classificação dos eventos de BH?** : Ótimo
- \* **Problema principal do eventos de BH?**:Preços
- \* **Meio de comunicação para se informar**: Jornal

## 7. DIAGNÓSTICO DE UM PRODUTO EM POTENCIAL

Os músicos do “Clube da Esquina” se encontravam nos bares de Belo Horizonte, enquanto suas músicas “corriam” o mundo. Canções de Toninho Horta, Milton Nascimento e de outros integrantes, foram levadas aos mais diversos países (Toninho Horta já lançou Cd’s inclusive no Japão). Universidades americanas em seus estudos sobre a música latina, enfatizam a importância deste movimento musical e, várias releituras das músicas do “Clube da Esquina” já foram feitas por intérpretes da nova geração de músicos da MPB.

Percebe-se, através das notícias cada vez mais freqüentes na mídia (lançamento de livros e CD’s inéditos dos músicos do clube) que existe ainda uma grande força do movimento junto ao seu público cativo e que, mesmo alguns filhos da geração que viveu aquela época, possuem admiração pelas suas canções e letras melodiosas. Segundo BENI, “o preservacionismo, como movimento organizado, surge no século XIX, quando outros fatores, além da simples ação do tempo e da negligência, vieram a ameaçar a permanência do passado”. (1998, p. 85). Devido a essa tendência atual ao preservacionismo, também das culturas locais que se pode pensar no Clube da Esquina como um potencial produto turístico. Os bares, a casa e o edifício onde moraram seus integrantes vêm ao encontro da tendência mundial do “pós - turismo”, uma expressão utilizada por J. Urry para denominar os deslocamentos turísticos atuais que são “*caracterizados por viagens mais flexíveis e que envolvem experiências pessoais, sociais e culturais mais autênticas, em oposição ao turismo de massa*”.(1996, p.34). As possibilidades de aproveitamento dos lugares freqüentados, das histórias e das letras dos músicos mineiros, como já acontece com os “The Beatles”, ainda não foram descobertos e o seu aproveitamento responde à valorização

do turismo cultural, que está em voga. Sendo que o turismo cultural “*não é apenas como uma motivação para a viagem, mas como insumo específico, ao lado dos atrativos naturais e dos serviços, na formatação dos produtos turísticos*”. (GASTAL, 2000, p.34).

### **7.1. Proposta de roteiro**

Os músicos do clube da esquina viveram durante muitos anos na cidade de Belo Horizonte, alguns ainda vivem. Estiveram em diversos locais, perambularam pelas ruas do centro e do bairro Santa Tereza. Mas para um roteiro é preciso estabelecer prioridades, portanto, os locais relacionados nessa sugestão de roteiro são alguns desses locais que possuem uma história ou representam um marco na história do Clube.

Locais

#### Edifício Arcângelo Malleta

Localização: Av. Augusto de Lima - Centro – Belo Horizonte

História: um dos mais antigos e polêmicos prédios da capital. Foi e ainda é, recanto de artistas, poetas, jornalista e boêmios. Foi construído em 1959 para ser um hotel, o Grande Hotel. Sua história é marcada por altos e baixos, e abriga a tradição cantada em verso e prosa e alimentada pela boêmia cultural, representada na clientela eclética dos bares e livrarias.

Situação atual: O prédio está com sérios problemas estruturais e precisa urgentemente de um projeto de revitalização, revalorização e readequação dos espaços.

Importância para o Clube da Esquina: Abriga bares que foram cenários de vários encontros dos membros do Clube.

#### Cantina do Lucas

Localização: dentro do edifício Malleta.

História: está no prédio há cerca de 40 anos, foi tombada como patrimônio histórico de Belo Horizonte, funciona de 11h 30 às 5h da madrugada. E segundo pesquisa da revista Veja, possui o melhor serviço e atendimento da noite belorizontina.

Situação atual: Possui ainda muito das características de quando os músicos do clube da esquina a freqüentavam.

#### Bar Pelicano Chopp

Localização: na parte externa do edifício Malleta, av. Augusto de Lima.

História: Funciona há quase 40 anos e conserva o mesmo tipo de atendimento desde de sua fundação. É uma casa de chopp e tira-gosto e já ganhou prêmios pelo melhor chopp da capital.

Situação atual: sua área é vinte vezes maior que a inicial.

Importância para o clube: muito freqüentado pelo grupo, para conversar, celebrar uma nova música. Mas também foi palco da quebra da promessa entre Milton Nascimento e Márcio Borges. Quebra que possibilitou parcerias em músicas fantásticas, entre elas, a causadora do fim da promessa, “Travessia”.

### Bar Bigodoaldo's

Localização: Varanda de um prédio na Praça Sete, na esquina da avenida Afonso Pena com a rua Rio de Janeiro.

Situação atual: Não existe mais, no seu lugar funciona a Cantina do Italiano, é um bar com grande fluxo de pessoas. O edifício não está em bom estado, seus corredores e escadas são muito sujos.

Importância para o Clube: era o lugar preferido pelo Milton Nascimento para um fim de tarde, quando ele trabalhava como escriturário em um escritório, no prédio em frente, no centro da cidade. E foi ali, em uma conversa com Márcio Borges, que Milton rendeu-se às investidas do amigo quanto ao seu talento para a música e onde depois de comporem suas primeiras “filhas”, prometeram que só iriam fazer músicas juntos.

### Edifício Levy

Localização: avenida Amazonas, nº - Centro , esquina com rua Curitiba.

Situação atual: mantém a mesma fachada, porém em péssimo estado de conservação. Mas está passando por uma reforma na parte externa.

Importância para o Clube: onde os principais componentes do movimento se conheceram.

Foi palco dos primeiros encontros musicais do grupo e de suas primeiras músicas.

### Bairro Santa Tereza

Localização:

História: O bairro de Santa Tereza foi povoado em 1895 inicialmente por imigrantes europeus, principalmente italianos, portugueses e espanhóis. Nesta época, o bairro chamava-se Ribeirão da Mata. Em 1911, passou a chamar colônia Américo Werneck, em homenagem ao secretário de negócios da agricultura.

Para o jornalista Luís Góes, que estuda a história do Santa Tereza há cerca de dez anos, a tradição musical do bairro surgiu no início do século, quando eram bastante comuns no bairro as serestas e as reuniões de famílias nas casas e em clubes, em que a música era a principal atração.

Qualquer que tenha sido o ponto de partida da tradição musical do bairro, ela foi ganhando corpo ao longo das décadas e o bairro se transformou num dos maiores celeiros de cantores e bandas de música do país. Além dos músicos do Clube da Esquina, bandas como Skank, Sepultura, Tavinho Moura, entre outros, tiveram suas histórias marcadas na relação com o bairro.

Importância para o Clube: é o bairro onde a família Borges mora, e onde está a famosa esquina, entre as ruas Divinópolis e Paraisópolis, que deu o nome ao Clube.

Na esquina existe uma placa que traz a letra da canção Clube da Esquina e um breve relato sobre o movimento.

## 8 CONCLUSÃO

O Brasil e principalmente Minas Gerais, vivem um momento de verdadeira explosão do turismo. Este fato pode ser comprovado pelas recentes incursões de nosso atual governador (Aécio Neves) a China e pela força que o assunto vem ganhando na mídia.

Como já explanado, dentro da atividade turística na atualidade, há um destaque para o turismo cultural. Este destaque é motivado, principalmente pelo interesse das pessoas por produtos turísticos novos ou renovados. É cada vez mais evidente que uma característica fundamental da demanda turística atual é a exigência por uma maior flexibilidade e segmentação também dos destinos, atendendo aos diferentes desejos e necessidades dos clientes. Sendo assim, nada mais racional que Belo Horizonte, como um destino turístico a ser renovado, busque alternativas para trabalhar seu produto turístico de uma forma diferenciada.

Belo Horizonte foi (e ainda é) celeiro de importantes expoentes da Música Popular Brasileira e, como pode -se comprovar através deste estudo, deixar-se de lado tão importante fato seria, ao mesmo tempo, desperdiçar um valioso legado e patrimônio culturais e um poderoso insumo turístico da cidade.

Nesse sentido, esse trabalho pode ser considerado um ponto de partida para a construção de roteiro cultural alternativo. Ele visa justamente atentar para essa necessidade de valorização, refletindo, diagnosticando e apontando para a possibilidade de um aproveitamento da música e da história do Clube da Esquina como um produto turístico, sem pragmatismos.

Já era subentendido que um projeto baseado em música não seria malquisto pela população belo-horizontina mas, percebeu-se principalmente pelo fato de que os próprios músicos do Clube estão desenvolvendo um projeto de um Museu Clube da Esquina que, este projeto seria perfeitamente viável, desde que bem fundamentado e apoiado por parcerias fortes.

Por fim, há que se salientar que como já era sabido, o projeto de conclusão de curso constitui-se em uma tarefa longa e árdua mas, chegar-se ao final desta jornada configura-se em um algo extremamente gratificante ao ver-se, enfim, um fruto de várias discussões sobre o tema, que colaborará na melhoria contínua do turismo em Belo Horizonte

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Disponível em <<http://www.pbh.gov.br>> Acesso em mai. 2004.

**ACERENZA**, Miguel Angel - **Promoção Turística: um enfoque mercadológico**. Rio de Janeiro: Pioneira,1991

Entre o romantismo e a evolução. **Jornal Estado de Minas**. Belo Horizonte, 8 abr. 2000.

BELOTUR. Disponível em <<http://www.belotur.com.br>> Acesso em nov. 2003

BH 100 ANOS- UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA. Disponível em <<http://www.pbh.gov.br>> Acesso em mai. 2004.

BICCA, Briane P. **Patrimônio ambiental e política urbana**. Brasília:,1980.

BORGES, Márcio. Os sonhos não envelhecem – História do Clube da Esquina. 4. ed São Paulo: Geração, 2002. 358p.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Moderna,1990.120p (Coleção Polêmica)

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado,1988. Disponível em <<http://www.dhnet.org.br/direitos/brasil/leisbr/1988>> Acesso em out. 2003

CASTRO, Célio. **Uma Lição de história – Apresentação**. Disponível em <<http://www.pbh.gov.br>> Acesso em mai. 2004

CORRÊA, Luiz Otávio. **Clube da Esquina e Belo Horizonte: romantismo revolucionário em uma cidade de formação ambígua**. 2002. 154f. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

**Cultura Popular**. Disponível em <<http://www.conhecimentosgerais.com.br/cultura-popular/>> Acesso em mar. 2004.

Disponível em <<http://www.psicologia.com.pt>> Acesso em jun. 2004

Disponível em <<http://jt.estadao.com.br/suplementos/turi/2002/12/23/turi007.html>> Acesso em out. 2003

Disponível em <<http://www.descubraminas.com.br>> Acesso em nov. 2003

Disponível em <[http://www.duo.if.br/biblioteca\\_leis.htm](http://www.duo.if.br/biblioteca_leis.htm)> acesso em nov. 2003

Disponível em <<http://www.fotoserumos.com/curitibaviavel4.htm>> -Acesso em set. 2003

Disponível em <<http://www.guiabh.com.br>> Acesso nov. 2003

Disponível em <<http://www.jt.estadao.com.br/suplementos/turi/2002/12/23/turi003.html>> Acesso em out. 2003

Disponível em <<http://www.jtestado.com.br/noticias/99/07/25/tu2.htm>> Acesso em out. 2003

Disponível em <[http://www2.uol.com.br/JC/\\_2001?2308/tu2308\\_1.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_2001?2308/tu2308_1.htm)> Acesso em out. 2003

FIDELIS, Orlando. **Cultura Popular, Cultura de Elite, Cultura de Massa**. Disponível em <<http://www.montfort.org.br/veritas/cultura.html>> Acesso em mar. 2004

GASTAL, Simone. O produto cidade: caminhos da cultura, caminhos de turismo In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.) **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto 2000, p 34

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação a Pesquisa Científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2003

GOODEY, Brian. Turismo Cultural: Novos Viajantes, novas descobertas. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org) **Interpretar o Patrimônio: Um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002

GOULART, Marilandi; SANTOS, Rozelys Izabel C. dos. Uma abordagem histórico – cultural do turismo. **Revista Turismo- Visão e ação**. São Paulo.. v.1, n.1, p 19-29, jan/ jun. 1998.

HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em <[http://rainhadapaz.gl12.br/projetos/musica/historia\\_musica/mpb/origens\\_mpb.htm](http://rainhadapaz.gl12.br/projetos/musica/historia_musica/mpb/origens_mpb.htm)> Acesso em mai.2004.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO DE MINAS GERAIS. **Legislação**. Disponível em <<http://www.iphan.gov.br/legislac/legisla.htm>> Acesso em mai. 2004

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO DE MINAS GERAIS. **O que é cultura?**. Disponível em <[http://www.iepha.mg.gov.br/sobre\\_cultura.htm](http://www.iepha.mg.gov.br/sobre_cultura.htm)> Acesso em mar. 2004.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 a, p.888.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 b, p.1985.

LAW, Christopher M. **Urban Tourism: Attracting Visitors to Large Cities**. London: Mansell: 1994, 189p

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos)

MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br>> Acesso em mar. 2004.

MOLLETA, Vânia Florentino. **Turismo Cultural**. Cidade: SEBRAE/RS, 1998.

NEPOMUCENO, Eric. Nossa cultura no mundo. In : WEFFORT, Francisco & SOUZA, Mário (orgs). **Um olhar sobre a cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Associação dos Amigos da Funarte, 1998.

**O que é cultural? O que é cultural?**. Disponível em <<http://www.conexaodanca.art.br/imagens/textos/cultural.htm>> Acesso em mar. 2004.

ORIGENS DA MPB. Disponível em <[http://rainhadapaz.gl12.br/projetos/musica/historia\\_musica/mpb/roteiro\\_apresentacao1.htm](http://rainhadapaz.gl12.br/projetos/musica/historia_musica/mpb/roteiro_apresentacao1.htm)> Acesso em mai. 2004

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**. São Paulo: Ática, 1997 (Coleção Série Princípios)

PAIVA, Flávio. Festa da cumplicidade. **Jornal O Povo**. Fortaleza, 20 dez. 99. Disponível em <<http://www.pacto.com.br/musica/textos.php3?codigo=88>> Acesso em mar. 2004.

PEDERZOLI, Aurora e LIMA, Geny. **Preservação do Meio Ambiente Urbano** : Uma questão de Educação. Belo Horizonte: Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico.

POLIRRITMIA. Disponível em <<http://www.sergioconforti.com.br/toque>> Acesso em mai. 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Diagnostico da área cultural de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Vox Mercado, 1996. 174p.

QUINTELA, Maria Alcina. **Museus, Cultura Popular e Turismo Cultural na cidade do Rio de Janeiro: Algumas Reflexões**. Disponível em <[http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/maria\\_quintela.htm](http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/maria_quintela.htm)> Acesso em mar. 2004.

QUITES, Maria Regina Emery e COLNAGO, Attilio. Cartilha. **Preservando Nosso Patrimônio Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 1988 (Coleção Quem sabe faz Artes).

REVISTA IDAS BRASIL. Disponível em <[www.idasbrasil.com.br](http://www.idasbrasil.com.br)> Acesso em nov. 2003.

REVISTA ROLLING STONES. Disponível em <<http://jornal.publico.pt/publico/2004/03/27/Cultura/C08.html>> Acesso em mar.2004

REVISTA TURISMO. **Estatísticas do turismo em 2001**. Dez. 2002. Disponível em <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/materiasespeciais/estatisticas.htm>> Acesso em mai. 2004.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo, modernidade, globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000

RODRIGUES, Marly. **A década de 50**. São Paulo: Ática São Paulo, 2003 (Coleção Série Princípios).

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: Funari, PEDRO Paulo et al **Turismo e Patrimônio Cultural**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 17.

**Samba: Patrimônio da Humanidade**. Disponível em <[www.noolhar/dirvesaoarte/musica/352085.html](http://www.noolhar/dirvesaoarte/musica/352085.html)>, acesso em mar. 2004.

SANTOS, Junio. **A cultura em reflexão**. Disponível em <<http://www.dhnet.org.br/w3/cervante/textos/refletindo.doc>> Acesso em mar. 2004.

SCHIAVO, Cléia e ZETTEL, Jayme: **Memória, cidade e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

SOALHEIRO, Bárbara e FINOTTI, Ivan. Peão do Pop. **SUPERINTERESSANTE**. São Paulo: Abril,n. 198, p. 46-55, mar, 2004.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Turismo Cultural, Ecoturismo e Ética**. São Paulo: Aleph, 2000

TAGLIACARNE, Guglielmo. **Pesquisa de Mercado : técnica e prática**. Tradução de Maria de Lourdes Rosa da Silva, revisão técnica e adaptação de Norberto Roveda e Roberto Simões, prefácio de Alfredo Carmo. São Paulo:, Atlas, 1995

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: SESC/ NOBEL, 1996.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.  
World Tourism Organization. Disponível em <<http://www.worldtourismorganization.com>> Acesso em mar. 2004

# **ANEXOS**

## **Anexo 1- Leis de Incentivo a Cultura**

Estaremos apresentando uma pequena descrição das Leis de Incentivo à Cultura nos níveis Federal, Estadual - Minas Gerais e Municipal - Belo Horizonte. É importante ressaltar que as leis e/ou fundos de incentivos fiscais por si só não vitalizam uma cidade ou um país culturalmente, pois não se equivalem a uma verdadeira política cultural.

### **Legislação Federal - Um breve histórico**

A primeira lei federal de incentivo à cultura foi apresentada no Congresso Nacional em 1972 e aprovada definitivamente em 1986. O autor do projeto foi José Sarney, então Presidente da República, ficando conhecida como “Lei Sarney”. Esta lei ficou em vigor até 1990 e não há nenhum dado quantitativo divulgado oficialmente sobre a distribuição desses recursos. Havia alguns problemas e críticas com relação a esta lei, por exemplo, não exigia aprovação prévia de projetos, apenas o cadastramento de pessoas e empresas interessadas em captar recursos, favorecendo abusos fiscais. Foi revogada junto com todas as demais leis de incentivo fiscal no Plano Collor I (março de 1990)

Lei Federal de número 8.313/91 - Lei do Mecenato ou Lei Rouanet

A segunda lei federal foi aprovada no Congresso Nacional em 23 de dezembro de 1991 - Lei número 8.313/91 - sendo Sérgio Paulo Rouanet o Ministro da Cultura. Introduziu aprovação prévia dos projetos por comissões e criou os mecanismos de apoio: FNC (Fundo Nacional de Cultura), que destina diretamente recursos a projetos culturais através de empréstimos reembolsáveis ou cessão a fundo perdido a pessoas físicas e jurídicas sem fins lucrativos e a órgãos culturais públicos; FICART (Fundo de investimento Cultural e Artístico), que são disciplinados pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e organizam formas de investimentos em projetos. E o IPC ( Incentivo a projetos Culturais), que cria benefícios fiscais para os contribuintes do Imposto de Renda que apoiarem projetos culturais sob forma de doação ou patrocínio, conhecido como Mecenato. Algumas considerações sobre o mecanismo desta lei: a empresa poderá deduzir 30% do valor do patrocínio limitada a 4% do Imposto de Renda Devido, e 40% do valor da doação. O valor aplicado é apropriado contabilmente como custo operacional, reduzindo o valor tributável e, em consequência, diminuindo os valores da Contribuição Social e do Imposto de Renda. Dependendo do projeto poderá obter retorno em produtos (livros, discos, gravuras, catálogos) para distribuição gratuita, equivalente, no máximo, a 25% da tiragem. Nesses últimos anos a lei vem sofrendo várias alterações e ajustes que devem ser acompanhados com atenção. Apresentação de projetos: aberto durante todo o ano. Lei Federal de número 8.675: Lei de Incentivo ao Audiovisual O objetivo desta lei é incentivar a produção do audiovisual, principalmente, a área cinematográfica do país. O incentivador poderá abater 100% do patrocínio até o limite de 3% do Imposto de Renda devido, lançar como despesa operacional em sua contabilidade e, ainda tornar-se sócio do filme, pois passa a ser proprietário de cotas da produção que, caso o filme venha a dar lucro, este terá direito aos dividendos.

### Lei Estadual de Incentivo à Cultura - Nº 12.733 / 97

A Lei Estadual de Incentivo à Cultura, Nº 12.733, foi instituída em 30 de dezembro de 1997. Esta lei prevê o desconto mensal do valor devido de ICMS – Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação. Do valor investido pelo patrocinador: 80% do valor poderá ser abatidos no imposto (até 3% mensal do valor ICMS a ser pago no período, até atingir o montante total dos recursos dedutíveis) e 20% do valor deverá ser a contrapartida, a título de marketing cultural, institucional etc. (moeda corrente, fornecimento de mercadorias, prestação de serviços ou cessão de uso de imóvel necessários à realização do projeto. Importante: empresas com dívida ativa até 31 de dezembro de 1999, poderão quita-la repassando 18,75% para projetos culturais e quitar o restante com 25% de desconto – e, ainda, dividir em até 60 parcelas. Apresentação de projetos: 1 vez por ano – período previamente marcado.

### Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Nº 6.498 / 93

A Lei Municipal de Incentivo à Cultura, instituída em 29 de dezembro de 1993, está em funcionamento desde 1995 e dispõe de dois mecanismos de atuação: O FUNDO DE PROJETOS CULTURAIS que se constitui de dotação orçamentária da Secretaria Municipal de Cultura, repassada diretamente aos empreendedores com projetos aprovados pela Lei. Destina-se a propostas de natureza comunitária ou experimental, cuja aceitação no mercado é mais difícil. O INCENTIVO FISCAL funciona mediante a renúncia fiscal, pelo

município, de até 3% da arrecadação total do ISSQN (Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza), permitindo aos contribuintes que abatam até 20%, aproximadamente, do seu débito anual desse tributo, desde que apliquem o valor em projetos culturais aprovados pela Lei. Apresentação de projetos: 1 vez por ano – período previamente marcado.



